

Carpeta 28.2.

Sorteo de calas en Cadaqués. 2 h. mss. Joaquín

Notas bibliográficas. 1 h. mss. Joaquín

2 recortes prensa 1885-1887

Notas de Historia Antigua de España

Deutsche Litteraturzeitung. 20-8-1898

HÜBNER, E. Spanien im Lichte der Weltliteratur, Berlin, Berlang von Gebrüder Baetel, 1898. P. 363-385. Separata nº 12 de Deutsche Rundschau

Spain

J. Dr. D. Joaquin Costa

Barquillo 5, 1º
Madrid



A.H.P.
UESCA

Sorteo de Calas en Cadiz.

~~apart.~~ Breve particular que anotó el ~~informe~~
informe int. de Hederig; obs del Dr. S. J. Díaz en la
misma cts. Nuenia. fig. 263, lige. i d fed. Robles ...

Jámez Regnat dice que entre los caleros en Cadalso se
encontraron 225000 atas de azotes de caleros,
y en el siglo XVII, XVIII y XIX, en un inventario
del libro "Libro de ordenación de la persona de
Cadares, fechas de las actas de 1542 a 1842".
que consta en el libro parroquial de
Cadares, y del cual puede verse un
extracto en los informes citados de Hediger -En su
(Memoria cit., p. 287 y 288) y en Rulda.

A. M. P.
HUESCA

En el pueblo de La Celva los azotes de caleros
que se daban eran de ladrillos y bloques de
piedra en 58 atas o (58 bloques, 116 cubanos?) han existido
desde la época de los señores de la villa
que eran los señores de la villa, entre ellos, el señor de la villa
que era de la villa y don un cuarto; y estos eran
azotes de piedra y don un cuarto; y estos eran
los que daban los señores de la villa (los diez caleros en septiembre cuatro veces al año)
(Emilio Hediger, informe sobre la pesca del encoro, 1884, ap. Memoria citada, pág. 248; cf. Jámez Regnat, Dis. cit., t. V, nos. 288)

En Alarcón daban de caleros, como sigue Sanz
Regnat, en memoria, "en 1881... (sic)... libre el sorteo
diciembre y la primavera de júbez, id. diciembre, t. 15
pág. 384 y 181.)

Informe del año llamado "Incesa
"memoria sobre la industria y legislación
de pesca que comprende
desde el año 1879 al 1884" año
dijo. 1885. pags. 263-285.

~~Recorridos de los gobiernos~~

~~Intendencia de Huesca (agosto)~~ || ~~Lamez Re-~~
~~- Lleida (agosto)~~ || ~~quint., 1.7.286.~~
~~- Zaragoza (1.9.286) (eso y anterior)~~ || ~~V. 352~~
~~- Calatayud (o. 286 al pto.)~~

A. H. P.
HUESCA

Hasta donde no se mencionan } 302 final 303
Hasta donde no se mencionan } 305

W. W. - - - - - 311.

Lamez Regnat + V. Díctes sobre encares, p. 384,
Lamez Regnat + V. Díctes sobre encares, p. 384,
Lamez Regnat + V. Díctes sobre encares, p. 384,

ojo en Cadagüis: Fredor (= tierra, cota,
tortos & calas: a Balafangall

Antq. Sants Regnat Dicc. Liter. de los ayes de
lengua catalana, Madrid, 1791, p. 288.

"En Llaurí votean mordiendo la menivada (calas), si se d' intent de dia con la
xabga con demanda el boliche (encera), que
dura la vlt. de 8. a 11: lluvia cala en el
dia el segundo de la estación, y si no
vuelve, pero en la víspera de v. i el
pasion de dor saliente no ~~atirava~~ quitará
empesar en lunes en el momento que concluye
la víspera, pierde la víspera, hasta q' no empieza
torno le corresponde.

"En Pdo. Puerto del Oliva votean
un periquero para el boliche y otra mordiendo
en Cambrils, Parque de Remoción. La
de Espiritu Santo y enciende por todo litoral.
"En e de Cadagüis tienen un periquero las calas
mordiendo (olla, cota, etc., donde no se especia
la pesca, conviniendo los ayes de 10. 1562 y 18
de Mayo. y 1570, en cuya obrent se votean dichos ayres
para el boliche de la encera por la temporada y una
gata Parque de Remoción het. tributar."
En Balafangall se votean el ultimo dia de
Crono: demandar las calas de Tomarín y Vila-Bardia y
enciar con boliche i la encera.

ment, en 1890 (not. Alfonso) = t. 162 E
(entre 1880 y 1890)

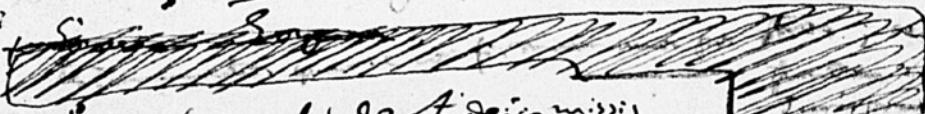


+ Sibet, teorica del arte de Notaria
+ Felic M. Falquera. (notar nro. 3º d.).



Avendaño, ^{delegado de la}
& Trinitat. ^{delegado de la} Londres, ^{delegado de la}

+ Sibet, Sibet.



Luca (cardenal) de Pedermissis

Dollog, 1865, I. 169. Recet 13 Dec. 1864.



Leon Soriano. Notologia del C. del D.



P. 86. - Plan. Detalle

112 - Detalle en la P.T.

D.P.D. E.S. se A., un número de
Piso sobre alto e cubo.
~~Estructura de madera, con este trabajo~~
~~en pintura gris.~~

Condit, southwestern side ledge

13
622.0
18
798



Brasil: Anno, 6\$000 rs. —
Africa occidental: Anno,
semestre, 6\$000 rs., moeda
estre 25 francos — **Paises**
a. Austria e Hungria:
Irlanda: Anno 2 libras
Italia e India: Preço da

MADRID, 2 de outubro (à 1 hora e 45 minutos da manhã).

Bolsim da noite;

4 0/0 Contado.....
4 0/0 Fim de mês.

MADRID. 2 de octubre.

Bolsa (cotações officiaes):
Títulos de 4 0/0 perpetuos
Dítos da 4 0/0 amortisaveis
Bonds do thesouro
Câmbio sobre Londres
" Paris
Acções do banco de Hespanha ..

A conferencia dos exploradores

Cumprindo a nossa promessa de completarmos hoje a resenha da narrativa hontem lida pelos illustres exploradores, e da qual démos um desenvolvido transumpto, publicaremos hoje na íntegra o documento.

A parte lida por Hermenegildo Capello diz assim:

A ultima vez que tivemos a honra de vos encontrarmos entre vds. reunidos em sessão solenne da Sociedade de Geographia de Lisboa, foi no anno de 1880, de volta da nossa viagem ás terras d'India; e posto que os resultados por nós então trazidos não fossem d'aquelle a alamar a sciencia ou a entreter a desejosa curiosidade, nem por isso deixaram de atrahir a benevolia attenção de S. M. El-rei e sua real familia, bem como a vossa approvação e a do paiz.

Não era seguramente um sucesso, o que vos trazemos era-nosso scicntifica, hagam as coisas eram mesmo as descobertas, poucas talvez as noções de novidade adquiridas, de siogelo interesse as dificuldades encontradas; mas em compensação, fizemos d'essa obscura tarefa de mais de dois annos a precisão de quantos factos observados, uma vontade insuperável de bem servir o nosso país, e última consciencia tranquilla, de haver feito, quanto em nossas forças

vaneio; que em nossos cerebrosphantastis o
renome exaltava, o que nos atirou á vez do
Negro Continente, a fim de em seguida à
Europa, espalhar pelas imprenas, as novas virtus-
tôs da fama, mais uma dasas modernas proe-
zas que hoje se denominam travessias africanas;
mas, bem ao contrario, uma outra razão nos
norteou os esforços, nos fez palpitar os corações,
nos deu forças para levar a effeito o projecto
que em mente nos reservá; e essa razão era o
interesse de Portugal, a nossa patria querida, a
que tanto nos orgulhamos de pertencer, que se
nos assigurava exigia de nós, n'esse momento,
que mostrassemos por *factos*, e terminantemen-
te, quão caluniosas são as acusações que por
vezes se lhe tem feito, e que esse paiz, que por
vezes tambem o mundo considera adormecido
em meio da agitação geral, bastará apontar para
o primeiro, para encontrar n'ele um filho dedi-
cado.

A viagem, senhores, cuja narrativa passámos a fazer, é uma viagem de certo modo excepcional, de triplice carácter—de expedição geographica—de excursão de caça—e de especie de marcha funébre pelos sérões—a complicar-nos-ha de certo a exposição, que desejariamos com a melhor vontade tornar quanto possível clara. A vossa benevolencia, porém, perdoará faltas a dois homens (que demais não são de officio), pois não é seu officio o fallar, a dois homens que apóz trilharem 4.209 milhas em África, terem perdido 62 compatrieiros e visto devorar eu sei quantas toneladas de carne, se acham de subito entre os seus compatriotas, cobertos de aplausos, alvos das mais inequivocas provas de consideração, mas sem o tempo necessário para cobrdenar agradamentos, e apenas recorrendo à memória, um pouco abalada já pela distancia.

Ser-lhe-á nos-ha de bordão e -primeira-nata
peregrinação mental pelo escuro Continente, o
offício por nós enviado a s. ex.^o o secretario per-
petuo da Sociedade de Geographia de Lisboa; e
de tremula lanterna para esclarecer a tristeza,
a idéa mais ou menos vaga que dos factos ainda
consevâmos, decididos a evitá-la quanto pôde. E vel-
a entrada no dédalo do nosso diário, que lhe
varia longe, dando à prova a nossa fortuna.

**Não; ao contrário, tivemos sempre de leões
muito de nos levar o frio aos ossos!**
O que de similhante recepção é simples:
- dormir quando o bicho entrou no
acampamento.

Bemfazejo sonho!
Como sempre, porém, diz o latino texto:
Ubi morbus, ibi remedium. lá onde existem
leões, poiz a natureza o sr. Nestor, o denodado
caçador, verdadeira cura para aquele mal.

O notavel é que, sendo precisamente este cavalheiro a quem nós jamos procurar, não vemos a dita de o encontrar, esbarrandoplexos ante a audacia e intelligencia dos leões, que parece, por o saberem ausente, lhe passavam agora na propriedade casa.

A beira do magestoso Cuquené preparamos para o transpôr, em sua largura de 120 metros, que tanta é a distancia das suas margens aqui; e apôs uns apertos de mão aos ultimos europeus em Quiteve, acampámos noite tardia sua margem esquerda.

Estavamos sós e separados do mundo que pensa por uma singela fia de água. Felizes seríamos, senhores, se vos podessemos dar uma ideia das sensações variadas que n'aquelles instantes experimentamos; das mil e uma impressões que então nos dominavam, ao abalar para longe de Angola.

Animava-nos a idéa de ver terras novas, titubeavamos ante a resolução de ordenar a partida; sonhavamos com a grandeza das descobertas a fazer; imaginávamos a todo o momento que alguma coisa não havia de faltar; em resumo, não tínhamos medo de partirmos, mas dominava-nos a saudade de ficar.

Nada em tais casos atrae o homem, nada
lhe domina o espírito alli; todo esse mundo tro-
pical, envolvido em uma brillante atmosphera,
é de continua festa, onde os cantores, alados
cruzam as suas melodias com os zumbidos de
nílbares de insectos, onde os vultos estendem
com suas roupas magnificas sombras, sobre ta-
voleiros e árvores, onde colinas, vales e praias se
multiplicam no abrange em profusão de cores;
não se pode dizer ermo, lhe é terra num como
que massas de folhas secas pelas longas tempos.

E a tranquilidade de consciencia, senhores, é uma grande questão para aquelles que, com dignidade, se jogam ao trabalho, se empênam em emprezas de maior monta; é para elles um como que balsamo que, finando-lhes os receios, os alenta a comparecer perante o juizo publico.

Por isso, ao apresentar o nosso modesto trabalho d'então, perante o illustrado auditório que ora nos escuta, iamos firmes de que, com duas declarações leaes e sinceras, elle encontraria uma approvação sem reservas.

E encontrou-a, e teve-a; já na bondade e delicadeza com que nos applaudistes; já nos rasgados elogios que a imprensa portugueza nos despensou.

Recebidos assim com tanta benevolencia, tratados com tanta distinção, pela Sociedade de Geographia de Lisboa, grande corporação já hoje poderosa em numero e influencia, e cujos fins genuinamente norteados no interesse da causa portugueza de além-mar, a torna eminentemente sympathetic aos olhos de todo o portuguez amante do seu paiz, consideramo-nos, como socios, não simplesmente impelidos pela nossa especial situação, mas deveras obrigados a fazer uma resenha perante ella dos nossos recentes trabalhos em Africa.

E assim vamos convencidos de que será grata esta prova de consideração que aqui lhe tributamos, como convencidos estamos de que nioguem melhor do que ella comprehende quanto é de alta conveniencia moral e politica lembrar por todos os modos este canto occidental da Europa, assignalando por actos e idéas a verdade de que elle trabalha, elle prosegue se empenha, enfim, em acompanhar de perto o marchar do mundo civilizado, quando por vezes o não tem devançado em ramos especiaes do trabalho humano, tornando-se-lhe piloto ou guia no lidar aventuroso do descobrir e do saber.

E já que, senhores, nos abeiramos d'este ponto de capital interesse para o paiz, já que declaramos que urge por todos os modos possíveis fazer lembrar esta terra, patria d'aquelles que devassaram o mundo, quanto os contornos mal se lhe suspeitavam, permitti que, abusando da vossa benevolencia, digamos duas palavras sobre as causas que nos levaram a fazer uma viagem de costa-a-costa, rasgado por meio das florestas africanas desde Augola até Moçambique.

E assim provaremos tambem o nosso reconhecimento pelo illustre estadista que hoje dirige os negocios da marinha e ultramar, e assim, senhores, cumpriremos com o, para nós, imperioso dever de tornar publicos os nossos sentimentos para com aquelles a quem Portugal deve esta viagem e a quem nós devemos a honra de ter sido para ella escolhidos. A elle, pois, o primeiro logar.

A idéa de executar em Africa uma larga viagem, senhores, não foi de modo algum por nós apresentada, estavamos mesmo longe de nos considerar proximos do sertão, quando para tal fomos chamados.

Foi na mente de s. ex.^o o ministro da marinha onde tal pensamento, sem duvida, primeiro surgiu, e foi tambem, sem duvida, devido á sua energia e força de vontade que o citado pensamento, no curto espaço de dois meses, se transformou em idéa praticavel, que 15 mezes de aturado labore levaram a direcção a

este, (dissemos em nosso officio), prosseguimos, após as peripecias de que a Sociedade já deve ter conhecimento, para o piano alto de Huilla, etc.....

Esta parte da viagem, senhores, comprehende todo o trajecto de Pinda ao Humbe, ou seja 750 milhas geographicas; e posto que fosse feita, n'uma regiao por nós tão conhecida e ha tempo ocupada, não foi ella isenta de sofrimentos e das mais fundas angustias.

Basta que simplesmente vos expunhamos o que em nosso diario, se acha na 1.^a pag. sob a designação de (*A abalada*); para comprehenderes logo qual a nossa disposição d'espirito então. Resa assim:

Dia 12 de marzo.

«Nada pôde haver de mais aborrecidamente ensadonho em Africa, do que o engajar pessoal para uma longa expedição, nada existe — afirmamos — de mais soberanamente difícil, do que guiar este pessoal durante os primeiros quatro mezes de campauha.

«Que decepções e que momentos de angustia esperam ali aquelle a quem a sorte aprovou baralhal-o em taes commettimentos.

«Só una paciencia d'aco, uma pertinacia desusada, pôdem conserval-o em seu melindroso posto; só uma coragem provada, endurecida já pelo sofrer, conseguem tornal-o indiferente a esses spectaculos dolorosos de caja dia, em que o infeliz caminha incerto, esperando a todo o momento ver perdidos os esforços de semanas, abandonado o seu valioso material, comprometida emfim o seu nome.

«Que o digam aquelles que como nós alli tem trabalhado, se alguma coisa ha que desafie à loucura, como essas scenas repetidas de fugas, de enganos, de roubos, de perlidias, com que se enfeita, pelo geral, o principio de uma viagem no negro continente.

«E' tão grande a tristeza que sentimos ao apreciar e relembrar os sofrimentos d'estes primeiros dias de mato, d'esta vida depravada pelas fugas, receios, conluios de carregadores, falsa-fé dos chefes, enfim, que preferimos evitar descrições, lançando contristados, taes factos, para o limbo do olvido.»

Taes eram as palavras, senhores, que escreviamos ha dois annos, quando dardejados por um sol de chumbo, arquejantes, a escorrer agua por meio dos areaes de Pinda, vimos ao 3.^o dia de viagem abalar sem motivo 42 carregadores.

Era o primeiro golpe, golpe terrivel sem duvido, mas ao qual respondia uma coragem e uma disposição ainda n'ap abaladas pelo sofrer do mato, e poucos dias depois volviamos à costa, e reorganisando tudo, seguimos de novo.

Não tem um caracter de alto interesse a nossa viagem até ao Humbe — e se vos dissermos que a primeira parte do trajecto no cordão littoral, a paisagem impressiona mal, com as suas planicies aridas semeadas de numerosos morros desnudos, onde a agua falta e a caça abunda, o calor é intenso e a malaria frequente; que na segunda, a ascenção da cordilheira da Chella, nos estafa, a vegetação se multiplica, a agua abunda, a temperatura diminue; e que na tercira, até ao Cunene, este favoravel concurso de circunstancias, se vai modificando sensivelmente para peior, teremos em traço geral, dado uma idéa da zona em questão, zona cuja

floridos, para se sepultar no mais fundo das florestas africanas, inventa um crime sem nome, e de se asselvajar, fugindo ingrato ao convívio do mundo.

Montados em nossos bois cavallos partimos alísim, convencidos que nas crises imperiosas o primeiro a fazer é o inevitável, o resto saindo ás vezes á medida dos nossos desejos, e de um só folego, transpozermos toda a distancia que medeia entre o rio Cunene e o celebrado Cubango, 140 milhas geographicas.

Desde os primeiros dias de viagem, que o aspecto do terreno nos começou a impressionar desagradavelmente, fazendo suspectar serios trabalhos para o futuro.

Por toda a parte se estiravam planuras, que as chuvas certamente tornariam alagadiças, e que o tempo converteria em atoleiros, e estas planuras; tudo nos indicava, iriam longe até leste, quem sabe se até ao Zambeze, vindo a perturbar assim os movimentos da caravana, ao tempo pesada e numerosa.

Urgia, pois, apertar a marcha, afim de não receber as aguas em tal regiao, e foi isso o que precisamente se fez. Caminhavamos rapido.

— «Na grande curva que descrevemos pelo districto da Handa (diz o officio), e ao longo do Cubango, tivemos a satisfação de determinar a verdadeira hydrographia...»

Effectivamente assim foi, pois, a descoberta de um volumoso curso de agua, vindo do norte e denominada Cuerrai, modificado por inteiro, uma pretendida hydrographia inventada pelos padres da companhia de Jesus; bem como os reconhecimentos feitos provaram que essas extensas ondulações de terreno, são ferteis, ricas em produções diversas, capazes de muito quando dirigidas por mão cuidadosa, e sobre tudo dotadas de um clima extremamente salubre.

Intercalados entre as florestas de Mupandas, existem na terra que vamos percorrendo uns bosques constituídos por uma vegetação sub-arborescente, dotada de espinhos, que se torna em verdadeiro suppicio para aquelle que as atravessa.

Embaraçado aqui, chibatado além por um ramo elastico, que o carregador da frente desviou em caminho; rasgado mais longe pelos espinhos que o colhem em todas as direcções, o infeliz vae contuso, magoado, á espera de ver a todo o momento as carnes pendidas de um tronco ou ramo proximo. Como era de supôr não se fizeram esperar largo-tempo as nossas previsões, e logo que transpozemos o Cubango, a região pantanosa começou a zombar de nós.

A medida que avançavamos, mais e mais se aggravavam as dificuldades, até que afim, se tornaram insuperaveis.

Marginado por longas fachas de lodo, corriam para o Cubango os afrente de além, ameaçando a todo o momento inhumar homens, bois e cargas, que só a custo se arrastavam, desanimando os primeiros, abatendo os segundos, e esgotando quantos meios os chefes punham em prática para vencer tal obstáculo.

Era nossa idéa ir até ao Mucusso, grande mercado no sul, frequentado pelos portugueses, primeiro que desejavamos visitar, e só essa idéa, senhores, nos deu alento para os dias de lucta n'aquelle depravada terra; que com o atrabente aspecto de deliciosa campina, apenas tapeteada de relvas, acobertava perigos bem

que devassaram o mundo, quando os círculos mal se lhe suspeitavam, permitiu que, abusando da vossa benevolência, digamos duas palavras sobre as causas que nos levaram a fazer uma viagem de costa-a-coste, rasgando por meio das florestas africanas desde Angola até Moçambique.

E assim provaremos também o nosso reconhecimento pelo illustre estadista que hoje dirige os negócios da marinha e ultramar, e assim, senhores, cumpriremos com o, para nós, imperioso dever de tornar públicos os nossos sentimentos para com aqueles a quem Portugal deve esta viagem e a quem nós devemos a honra de ter sido para ella escolhidos. A elle, pois, o primeiro logar.

A idéa de executar em África uma larga viagem, senhores, não foi de modo algum por nós apresentada, estavamo mesmo longe de nos considerar próximos do sertão, quando para tal fim fomos chamados.

Foi na mente de s. ex.^o o ministro da marinha onde tal pensamento, sem dúvida, primeiro surgiu, e foi também, sem dúvida, devido à sua energia e força de vontade que o citado pensamento, no curto espaço de dois meses, se transformou em idéa praticável, que 15 meses de aturado labutar levaram, não diremos a êxito, mas a prático e aproveitável resultado.

As instruções e portarias que nos foram transmitidas provam exuberantemente o que deixamos dito. Evidenciando qual o ideal de s. ex.^o, em querer buscar n'um trabalho de latitude, mais um argumento e mais uma prova de que Portugal não esquece, nem se arreda elle do logar que de direito lhe pertence entre as nações da vanguarda na tarefa de civilizar; elles nos incitavam a prosseguir após os trabalhos da carta de Angola, para a região central do grande continente, e ahí, visitando os mercados principaes, investigar, e ligar definitivamente as bacias hydrographicais do Zaire e do Zambeze.

E nós, mediocres entendedores, arrastados por esta indicação, longe para o coração do continente, achámo-nos de突tento em uma situação especial, de onde surgiram variados problemas, que urgia resolver no interesse da ciência e do paiz.

Mas então a demora em sua solução, e o progressivo avanço para leste da expedição; a escassez rápida dos recursos, e ainda a idéa de um estudo do curso do Zambeze e muito principalmente a de corresponder aos desejos do illustre ministro da marinha, foram outras tantas questões que, calando no nosso espírito, nos decidiram a transpor o espaço que nos separava do Indico.

Algumas dias nós demoramos hesitantes; até que afim nos decidimos; atirando-nos às florestas, caras a leste, como em officio dissemos a s. ex.^o.

Estas singelas phrases, acrescentadas por mais uma declaração, senhores, servirão para nos fixar sobre dois pontos, a saber: que é a iniciativa do ex.^o ministro a quem o paiz deve a viagem ao interior; e de que não foi, senhores, um singelo impulso, ou melhor uma simples curiosidade a que nos levou a intentar a viagem de que passamos a fazer a resenha.

Não foi, senhores, um arranço de pueril de-

descrições, lançando contristados, tales factos, para o limbo do olvido.

Tales eram as palavras, senhores, que escrevemos há dois annos, quando dardeados por um sol de chumbo, arquejantes, a escorrer agua por meio dos areaes de Pinda, vimos ao 3º dia de viagem abalar sem motivo 42 carregadores.

Era o primeiro golpe, golpe terrível sem duvido, mas ao qual respondia uma coragem e uma disposição ainda não abaladas pelo sofrer do mal, e poucos dias depois volviamos à costa, e reorganizando tudo, seguimos de novo.

Não tem um carácter de alto interesse a nossa viagem até ao Humbe—e se vos dissermos que a primeira parte do trajecto no cordão littoral, a paisagem impressiona mal, com as suas planícies aridas semeadas de numerosos morros desnudos, onde a agua falta e a caça abunda, o calor é intenso e a malaria frequente; que na segunda, a ascenção da cordilheira da Chella nos estafa, a vegetação se multiplica, a agua abunda, a temperatura diminui; e que na tercera, até ao Cunene, este favorável concurso de circunstâncias, se vai modificando sensivelmente para peior, teremos em traço geral, dado uma idéa da zona em questão, zona cuja riqueza no interior é hoje assaz conhecida, podendo-se crear muitas das produções da Europa, ao lado das africanas.

Dissémos de passagem que abunda a caça no cordão littoral, e volvemos n'um momento a esta questão, para vos apontar uma circunstância que aliás nos surprehendeu, não sendo muito fácil de explicar, e em que Darwin no seu livro intitulado *Viagem de um naturalista* já aponta; e vem a ser: que parecendo à primeira vista ser de imprevisível necessidade uma vegetação opulenta, lá onde vivem os grandes mamíferos; nós fomos testemunhas, que precisamente as terras que estes animais com frequencia percorrem, são exactamente aquellas onde o reino vegetal se mostra com mais rachítico aspecto.

A razão não sabemos; só podemos aventar a suposição, que sendo os herbívoros pelo geral timidos, fogem às florestas fechadas, na previsão de poderem em campo limpo esconder mais facilmente a inimigos.

Mas então o elephante, que vem em troupe numerosos nas desnudas margens do Coroca, fará exceção, atento o seu carácter de imunidade.

Existe o leão n'estas terras, o formidável rei das florestas, sonho mirífico de quantos exploradores, a quem desde a primeira noite de campo, os menores ruídos figuram o ronco; e para os quais o encontro constitue a mais preciosa grinalda, para enfeitar suas descrições.

Não querendo o acaso fazer-nos passar por exploradores pacatos, preparou-nos logo em começo uma visita nocturna do terrível quadrupede, que por nós foi recebido com a mais glacial descoreteza.

Não vades, senhores, supor, que pelo muito que nos temos arriscado, tenhamos a pretensão de conseguir assim viver entre sibilantes animais, n'aquelle indiferença bestafeja, que é apanágio de quem a medo manca, o perigo.

as atravessa.

Embaraçado aqui, chibatado além por um ramo elástico, que o carregador da frente desviou em caminho; rasgado mais longe pelos espinhos que o cohem em todas as direcções, o infeliz vai contuso, magoado, à espera de ver a todo o momento as carnes pendidas de um tronco ou ramo próximo. Como era de supor não se fizeram esperar largo tempo as nossas previsões, e logo que transpozemos o Cubango, a região pantanosa começou a zombar de nós.

A medida que avançavamos, mais e mais se aggravavam as dificuldades, até que afim se tornaram insuperáveis.

Marginado por longas fachas de lodo, corriam para o Cubango os afrente de além, ameaçando a todo o momento inhumar homens, bois e cargas, que só a custo se arrastavam, desanimando os primeiros, abatendo os segundos, e esgotando quantos meios os chefes punham em prática para vencer tal obstáculo.

Era nossa idéa ir até ao Mucusso, grande mercado no sul, frequentado pelos portugueses, primeiro que desejavamos visitar, e só essa idéa, senhores, nos deu alento para os dias de luta n'aquelle depravada terra; que com o atraente aspecto de deliciosa campina, apenas atapetada de relvas, acobertava perigos bem mais subidos, do que as mais sombrias florestas do Negro Continente.

«Arim extenuados, osfegantes, suspendemos, como diz o officio

«Ao norte! foi o grito unânime, para traz! ou a morte pela fome será inevitável; acrescenta ainda.»

E assim foi.

Começára então uma das gravíssimas situações, porque muitas vezes passou a expedição a nosso cargo.

Extenuados, cheios de cançasso, apertados de um lado pelos pantanos, do outro pelas terras desconhecidas do Oriente, acossados de súbito pela fome que derradeiramente nos perseguia, parte da gente conluiando-se, combinou uma deserção, e pela noite de 21 de julho, abalaram, roubando-nos tudo quanto poderam.

Vae demasiado longa, senhores, e minuciosa esta narração, para que vos possamos contar as angustias d'essa noite fatal; noite terrible, em que tivemos de largar fogo a uma festa inteira, na previsão de cercar aquelle que suspeitavamos n'ella escondidos.

Foi uma caçada diabolica, em que nós os restantes que nos haviam ficado fieis, de cabina em punho, agitando-nos por meio d'esse bosques em chamas, como uma horda demonios, jogavamos uma cartada de vida morte.

Ou morres, ou segues ávante, era o grimório dos expedicionários portugueses; abeirar-se ou encontrar pelo escuro aquelle que os queriam abandonar e roubar!

Desde esse dia até áquelle em que tocámos no Zambeze, a marcha foi para nós um sofrimento, que a todo o momento cruciavam, tentivas de roubos, fugas, mortes e fomes.

Fomes, senhores, pois podemos affiançar que desde a Handa até ao alto Zambeze nunca mais tivemos occasião de comprar punhado de farinha, um bago de milho fosse, tendo de certo succumbido a elas,

Maceo
dispu-
se Ju-
tos d
de B
é qu
sem

tab
ni
4

PREÇO

agitação
de classe
mal ins
almeja sua

A.H.P.
HUESCA

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

lspaco de linha commum em typo miudo 20 réis — Reclamos, 120

lra pagina, 100 réis a linha — Correspondencias e comunicados,

dem começar em qualquer dia, mas terminarão sempre no fim de ou dezembro, e não se recebem por menos de tres mezes; e para os de seis.

N.º 9.554

não houveramos levado comosco, uma dezena de bois na previsão da escacez !

Mas não termina ainda aqui, senhores, esta já bem longa jeremiada. Como que para requistar nossa dulcissima situação, aprouve aos Man-Bunda (índigenas ribeirinhos do Zambeze), & à natureza respectivamente, assolarem-nos os primeiros com uma formidavel guerra a região que jamos atravessando, despovoando-a; e a segunda, transformar os lodos do oeste, para além do alugado Cuando em quieta campina coberta de 0^m.35 de agua.

Como o trigo de oratório viviamos de perre pésinho n'esta, encontrando muitas a curto, onde ageitar o acampamento pela

dio d'este, visitar o mercado da Garanganja e minas da Catanga, bem como o Cazembe, e voltando ao SE abalar para a costa; provando assim o que em nosso officio dissemos, a saber:

«Que a simples inspecção da ca. gerai d'Africa mostrará bem que, se fôra só nosso interesse o jogar-nos através do continente, bastaria, transpondo o Zambeze, cortar de Libonta através dos Chuculumbe e Manica até ao Zumbo, para ter realizado o nosso intento.»

Ao abalar do Zambeze, a caminho do Lu-laba, já era profundo o abatimento das gentes que compunham a expedição portugueza.

As fomes do oeste, as marchas por agua, a temperatura elevada no fundo da depressão que constitue a bacia d'aquele rio, haviam-nos dizimado de 10 ou 12 e enfraquecido, a ponto de termos de abandonar um bote, algumas cargas de cartuxame e outros miudos artigos.

Se vos dissermos também que nem um dos confortos, de que se fazem acompanhar os europeus em tais viagens, nós possuímos, que as nossas barracas eram á gentilica, de pau e capim, as nossas camaas um feixe do mesmo capim com duas pelles de panthera, o nosso mosquiteiro uma fogueira, a mesa uma caixa onde se guardavam specimens do reino animal e vegetal, a toilette da noite um singelo gabão de varino e respectivo barrete, as provisões de quinino dois e meio frascos, e de boca, chá, café, duas latas de açucar e quatro frascos de molho Morton; ter-vos-hemos dito a rigorosa verdade, fazendo-vos imediatamente comprehender que os dois homens, que se intitularam chefes da expedição, não estavam em melhores circunstâncias que os seus companheiros de viagem.

Não nos affligia, porém, extremamente isso, pois nunca fôra nossa idéa ir para o sertão banquetear-nos; e consolados com esta idéa, cortamos resolutos ao rumo indicado, em direção a essa terra desconhecida, com gente, armas, elefantes e moça, como em nosso officio o dissemos, firmes no propósito de quebrar antes que torcer.

Os primeiros dias caminhou-se lentamente

Este na planura de Lobale, onde o indígena pôs em sementeiras, precisa elevar o terreno uns centímetros, a meio metro de altura acima do nível normal, evitando assim que apodreça a novidade.

Acossados os Ba-Nhengo, (assim se detinham os povoadores d'allí), pelas guerras, erraram por esses campos salteando quanto encontravam, e logo de improviso com a expedição portugueza, preparavam-se a fazer-lhe o que os seus inimigos lhes haviam feito, isto é, roubar-l-a.

E roubaram nos, assaltando nos o quilombo com a maior audácia pela noite.

Tal, foi, senhores, o ultimo toque de luz que faltava a este quadro galante.»

Em seguida, Roberto Ivens concluiu a narrativa com a leitura dos seguintes trechos:

A 12 de setembro davamos vista de Libonta, grande villa na margem do Zambeze, pertencente ao sobado de Genji, com quem o major Sampa Pinto teve relações em sua viagem para o Natal; e ao cair da tarde, sentados numa elevação a milha e meia de distancia, deixavamo deslisaf o magestoso curso d'agua em seu caminho para Moçambique.

Le para Moçambique, pensámos nós. E nós para onde iríamos?

Vejamos primeiro o que havia a expedição feito e estudado durante os últimos

la para Moçambique, pensámos nós. E nós para onde iríamos?

Vejamos primeiro o que havia a expedição feito e estudado durante os ultimos tres meses, em meio d'essas peripecias que acabamos de narrar; e depois veremos para onde vamos.

Do Cubango ao alto Zambeze, senhores, atravessámos na perpendicular numerosos rios, cujas águas tributam o famoso curso central, assentando assim nas cartas parte da hydrografia zambezeana pelo desto.

Visitámos as margens d'estes rios, cuja descrição já fizemos, chegamos á quasi conclusão de que o Cubango é affluente do Zambeze, derivando por molollas parte da sua agua ao sul; distribuímos com certa exactidão os povoadores das terras atravessadas, observámos a maior parte dos antílopes que povoam por milhares essas campinas, notámos que a terra drenada pelo Zambeze, por extremamente sili-ciosa, é pobre e pouco apta para a cultura, riscámos com a idéa que seja de granito esta parte do planalto central substituindo pelo gneiss, colhemos da vegetação numerosos specimens, e chegando a Libonta, ou melhor Gengi, chaves dos caminhos interiores; provámos que devem ser pelo Bihé e não pelo sul, que se podem traçar os caminhos para o interior, não aconselhando mercador algum a que transite por onde nós seguimos até alli.

Notámos ainda que são poucos os elephantes actualmente, sendo, portanto, pouco importante este ramo de commercio sobre a nossa linha de trajecto, afirmámos que produções do solo nenhuma ha para permitir, que, um pouco ao sul, se poderão ainda procurar nello e pennas de abestruz; que, em resumo, não é esta uma região que convide nem mereça sérios esforços para a explorar commercialmente.

Muito perseguidos pelas guerras, os habitadores, principalmente do N., são suspeitosos e perfidos: e facto singular, parece que é do sul que veem as invasões em procura de gente, capitaneadas pelos celebrados Ma-cuas, como elles dizem.

Ora, os Ma-cuas não são mais que os boers, e os ingleses de Paramatenga, cataractas do Zambeze, etc., e sem querer dar a Cesar o que é de Cesar, aqui fica registrado este facto para que o commente quem quizer; podendo afirmar-vos que aos portuguezes os indígenas não chamam nem chamaram nunca Ma-cuas.

Não cabe agora fallar aqui de seus costumes, seria isso extremamente extenso.

Um facto, porém, embora de carácter anecdóctico, pôde aqui ter cabimento, por nos ter feito experimentar uma grande decepção.

Ao atravessar a terra dos Manbunda notámos por mais de uma vez, ao longo do caminho, montes de pedras regularmente dispostas, e sobre elles numerosos raminhos, que, colhidos nas arvores proximas, alli haviam sido lançados.

Levados pela curiosidade, inquerimos de um indígena para que eram as pedras e que significação tinham os ramos; respondeu este com a maior seriedade: que eram aquellas, sepulturas; e que estes eram alli lançados pelos amigos e companheiros do infeliz ahí succumbido, sempre que passavam junto d'elle.

Não careço dizer-vos a impressão que me causou tal declaração, nem a revolução que en-

semos, firmes no propósito de quebrar antes que torcer.

Os primeiros dias caminhou-se lentamente ao longo d'um pantanoso curso do Caibrai, braço oriental do Zambeze, demorando-se de mais a marcha, em virtude de uma circunstância inesperada, que nos ceifaria os companheiros no estreito espaço de doze dias.

Parece que nos apostámos, senhores, a fazer-vos em lugar de uma descrição de viagem, uma permanente e tetrica elegia, ou melhor, que viemos para aqui resar uma especie de profundis tenebroso em memoria dos infelizes companheiros que com suas ossadas marcaram a nossa passagem pelos matos do Negro Continente.

Assim será talvez; é porém obrigação nossa o dizer a verdade, e dever o lembrar esses infelizes, de cujos sofrimentos e agonia ainda conservamos a frívola recordação; e que não poderam como os outros ter na volta o quinhão de gloria que lhes competia.

Foi o caso que ao abeirarmo-nos do Cabompo, muitos dos carregadores que transportavam cargas mais pesadas começaram de queixar-se que não podiam com ellas e, antes que nós tivessemos tempo de os substituir, abandonavam-nas, atirando-as a terra, longe dos trilhos e como que inconscientemente.

Já no Loba e nos havia sucedido semelhante facto com dois outros, que nós tínhamos deitado á conta de exagero, convictos que o que queriam era eximir-se ao trabalho.

Agora, porém, aggravava-se seriamente o mal com o peso das cargas, fome e insuflação.

Tombados que eram, não volviam a erguer-se. Emmagreciam rapidamente, perturbavam-se-lhe os movimentos, caiam d'uma especie de inconsciencia, após a qual sobrevinha o coma, acompanhado de suores frios, e assim exhalavam o derradeiro alento.

Era, ao que parece, a meningite cerebro-rachidiana, que, atacando muitos, figurava uma epidemia.

Atrastando-nos, como podemos, chegámos ao Cabompo, e, passando para a margem direita, dissemos adeus ás terras povoadas, seguindo o seu curso para o Norte.

De 150 metros de largo, o Cabompo é um dos maiores affluentes do Zambeze, cuja navegação de um para o outro lado está interrompida por uma cachoeira, obra de dois dias a montante da confluencia.

O terreno começava a elevar-se gradualmente, a sua natureza a modificar-se de sili-cioso a argiloso vermelho, a vegetação cresceria, e, fechada, sombria, mais variada que no valle, oferece aprazivel recurso aos grandes quadrupedes que a povoam.

Foi aqui que topámos com grandes bandos de elephantes, e que, pela primeira vez em nossa viagem, observámos os monumentaes destroços operados no arvoredo pelo colossal pacchiderme, e escutámos pela noite o estrondear medonho do arvoredo, derribado pelas suas possantes trombas, bem como encontrámos um novo flagello.

Era a mosca zé-zé.

A caça abundava por forma que raro era o dia (mercé da Providencia e das carabinas) que não abatiam tres ou quatro pegas, fugindo a todo o momento espavoridos ante nos centenas de antílopes de todas as castas.

chamam nem chamaram nunca Ma-cuns.

Não cabe agora falar aqui de seus costumes, seria isso extremamente extenso.

Um facto, porém, embora de carácter anecdóctico, pôde aqui ter cabimento, por nos ter feito experimentar uma grande deceção.

Ao atravessar a terra dos Manbunda notámos por mais de uma vez, ao longo do caminho, montes de pedras regularmente dispostas, e sobre elles numerosos raminhos, que, colhidos nas arvores proximas, alli haviam sido lançados.

Levados pela curiosidade, inquerimos de um indígena para que eram as pedras e que significação tinham os ramos; respondeu este com a maior seriedade: que eram aquellas, sepulturas; e que estes eram alli lançados pelos amigos e companheiros do infeliz ahi succumbido, sempre que passavam junto d'elle.

Não careço dizer-vos a impressão que me causou tal declaração, nem a revolução que em mim se operou de subito, no modo de encarar o sentimentalismo do preto.

E eu que os condenara sempre, por não caritativos e indiferentes, por inacessíveis a sentimentos de compaixão e reconhecimento, penitenciava-me agora, repeso e sob um sycomoro, de diario sobre os joelhos, scismava

Não tem que ver, dizia eu, depõem alli os raminhos, como marca de afseição por aquele que estimaram na vida; e sem querer pensava na viúva ou na filhinha orphã, pensava nos adversários do seu cruel apartamento d'aquelle que tanto estimaram na terra, vi-as na manhã d'esse dia, colhendo no jardim as perpetuas e os goivos, para lhe entretecer cordas e grinaldas, que mais tarde iriam adornar-lhe a sepultura, regadas por lagrimas aferventadas pela mais cruciante saudade; e exclamava mentalmente: Afinal o indígena é homem, e também como elle accessível a sentimentos.

Levado pelo interesse de mais alguma coisa escrever sobre o caso, chamei o nosso denodado caçador, Antonio, e li-lhe o que havia rasciscado.

Erro, senhor, exclamou elle, risque tudo isso quanto escreveu; não é mais que terror pelos mortos o que elles tem. O preto o que tem é medo; atira os ramos para que lhe não dêem caiimbres nas pernas.

Acalmam assim, pensei eu, as provaveis iras dos duendes. E, lançando mão da pena, risquei tudo.

O Zambeze no ponto em que o transpuzemos tem 250 metros de largo.

Na sua margem esquerda estivemos algum tempo detidos, irresolutos sobre o caminho a seguir, e os razões havendo já sido expostas, no officio ao ex.º secretario perpetuo, pouco temos que acrescentar.

Precisaremos, sem embargo ainda uma vez, a circunstancia de que o caminho de NE. que buscámos em direcção ao lago Moco, respondia a quatro quesitos, a saber: seguir a linha orographica que liga as bacias do Zaire-Zambeze, atravessar pelo meio a mancha branqueada, que nas cartas existia, cair sobre as origens do Lualaba e do Zambeze, pela suposição de que o grande rio que depois seguimos era o curso me-

O terreno começava a elevar-se gradualmente, a sua natureza a modifícarse de silicioso a argiloso vermelho, a vegetação cresceria, e, fechada, sombria, mais variada que no valle, oferece aprazivel recurso aos grandes quadrupedes que a povoam.

Foi aqui que topámos com grandes bandos de elephantes, e que, pela primeira vez em nossa viagem, observámos os monumentaes destroços operados no arvoredo pelo colossal pacchiderme, e escutámos pela noite o estrondear medonho do arvoredo, derribado pelas suas possantes trombas, bem como encontrámos um novo flagello.

Era a mosca zé-zé.

A caça abundava por forma que raro era o dia (mercê da Providencia e das carabinas) que não abatiam tres ou quatro peças, fugindo a todo o momento espavoridos ante nós centenas de antilopes de todas as castas.

Não comportando os limites d'esta exposição o narrar as peripecias sucessivas por que passámos, daremos um salto por cima de todas essas terras, que gradualmente se vão elevando até ao meridiano de 27° E., por onde transitámos a sós, sem encontrar homens que nos guiassem, exhaustos de mantimentos, em permanente excursão cynegetica, onde perdemos dezesseis companheiros e fomos surprehendidos pelas primeiras chuvas torrenteias d'esse anno, onde succumbiram todos os bois e cães de caça que possuímos, e foi descoberta a origem do Lualaba (verdadeira origem do Congo), para darmos entrada em terra de gente, na Garanganja, dominios de um, senão o maior, potentado da Africa central — Muchiri — senhor de um importante mercado de marfim, e que se acha por um trilho directo ligado com o Bié.

Toda a região por nós travessada é, senhores, a mais pittoresca, salubre e prometedora.

A medida que nos elevavamos desappareciam os tractos silicosos, predominavam os gueiss; seguidamente uma grande formação central shistosa occupava a zona que nos confrontava, podendo afiançar-se ser ella, pelos grandes cursos de agua que a sulcam, os elephantes que a povoam, as moitas que se encontram e a fertilidade do solo, digna de toda a atenção para o futuro.

Muchiri, soba d'esta grande terra, teve connosco duas amigaveis entrevistas em sua Quimpata de Bunqueia.

Voltava elle de uma guerra de cinco annos e meio, intentada contra um regulo de Urus, onde tivera uma entrevista com os exploradores Bohm e Reichard, o primeiro dos quais faleceu junto ao Lualaba em Catapena, e o segundo parece não ter sido muito feliz em suas relações.

E' homem de 60 annos, agigantado em estatura, um permanente sorriso nos labios, mesmo em meio das maiores catastrophes; tyranno até á barbaridade, executava com as proprias mãos aquelles que por seus actos incorreram no seu desagrado; tendo começado em sua carreira por assassinar pai e mãe, e terminado por acabar com todos os filhos do seu benfeitor, o ho-

mém que lhe deu o estado que ora governa, e uma filha em casamento, o triste soba da Cautanga.

Visitámos em suas terras as afamadas minas de cobre, bem como tudo quanto nos interessou, só desesperando de passar para o Cazembe, por o haver elle impedido, declarando-nos que portuguezes eramos d'elle amigos ou não, não tendo, pois, nada que fazer com a gente branca de Carema, aos quaes elle acabava de fechar os caminhos, a promptando-se para os sacudir onde quer que aparecessem.

Saindo da Quimpata, verda-deiro muzeu antropologico, pelo numero de pilhas de crânios e ossadas por toda a parte dispersas, completamente desiludidos, atirámos-nos para o sul, convertidos ainda de poder levar a cabo o nosso projecto.

Feita a troca do sangue em grande cerimônia, com o soba N'Tenque, onde residímos, e trocados presentes, apresentamo-nos.

Deu se por esta occasião uma scena original, entre outras, cujas narrações guardaremos.

N'Tenque ao receber os nossos presentes quiz retribuir os; e cogitando (julgo), no melhor meio de nos ser agradavel, lembrou-se, triste idéa, de nos enviar duas pobres criaturas, a saber: a Capello uma menina de 10 annos, a mim uma de 20?

A pobre negrita que me era destinada ao ver-se perante o vulto asselvajado de um europeu de longos cabellos e barbas, revolver á cinta, carabina na mão, prostrou-se por terra implorando (eu sei) perdão talvez; senão aterrada pelo meu aspecto de salteador.

Confesso que inspirar um tal terror a uma dama, é de deixar pelo laodo o menos pretençioso D. Juan; mas ao vel-a lavada em lagrimas perante mim, desapareceu tal idéa para dar lugar á compaixão que uma scena tal podia inspirar.

Tirando das cargas uma porção de pannos de côres, entreguei ao agente do soba, dizendo-lhe que dissesse ao mesmo soba que reenviasse a moeira, por muitas razões, entre as quaes apresentava como a primeira: a convicção em que estava, de bem poder a sós com o embora pesado fardo da vida; e que nunca pensara em partilhar com uma esposa o carrego dos meus desgostos e felicidades, e que muito menos o faria em tão inopinada situação. Que lhe a entregava assim pedindo-lhe que a acarinhassem, pois a misera não fazia senão chorar.

O ladino agente não pareceu comprehender a primeira parte do meu discurso. Quanto á segunda tem graça a resposta: Ah! isso, por chorar não morre ella, afianço eu!

Em janeiro, transposto o rio Lufira, caminhava a expedição, de novo para o norte no intuito de ver se desapercebidos poderíamos passar para o Cazembe.

Baldado empenho; ao fim de 8 dias de viagem para o N. topámos com 200 bandidos que capitaneados por Licaco, irmão de Muchiri, saíavam em procura do explorador Richard, para lhe levar a cabeça, como nos declararam.

Original declaração.

Obrigados de novo a volver ao sul, em

do chegou a expedição Capello e Ivens, que se lhes encorporou decidida.

E então, senhores, podiam versar os nossos avelhantados companheiros da costa de oeste, lutando em brio com os cypas de leste, caminhar resolutos na vanguarda, por meio de vilas em fogo, mostrando, de dedo o gatuno, que queriam invadir a serrão, sabia vender cara a vida a quem quer que fosse que lhe impedissem a passagem.

A 7 de junho davamos entrada em Tete.

Uma das razões, senhores, porque mais nos felicitamos, é sem duvida aquela de havermos feito uma travessia, sem disparar um tiro, contra quem quer que fosse; e se algumas vezes lançando mão das armas, nos juntámos decididos à luta, era só na extrema necessidade da defesa, e nunca para aggredir ou castigar aquel les povos por onde passámos.

Assim vos affiançamos sob nossa palavra de honra, que atraç da expedição portugueza não ficou a mais singella dissensão, o menor despeito com relação a portuguezes, e que todo aquele negociante ou quem quer que seja, que seguindo o nosso itinerario abordar as terras dos regulos onda estivemos, encontrará n'elles a melhor disposição e a mais franca hospitalidade.

Somos portuguezes, e a nós compete primeiro que a ninguem continuar a obra de nossos maiores na tarefa de civilisar, exaltando com o exemplo o fervor d'aquelles que em tão santo serviço se empenham; captando com o justo proceder as disposições dos que de nós precisam; recordando ainda que para os filhos d'esta nação, dos empenhos e maior, foi sempre o levar a luz áquelles que mais d'ella necessitam, que mais longe do mundo vegetam.

Eis, senhores, em largos traços a resenha d'essa travessia, que fazemos sinceros votos, possa ao presente aproveitar á sciencia, e de futuro a Portugal, pesado encargo, a que mal correspondiam as nossas forças, e que sem embargo, se nos affigura responder de certo modo aos desejos do paiz, tão elevadas e espontâneas teem sido as recompensas e manifestações recebidas.

Ao agradecer-vos, senhor, a benevolencia com que acabaeis de ouvir-nos, permiti que tenhambos a satisfação de depor nas mãos do presidente da sociedade de geographia de Lisboa esta bandeira que á partida nos entregaram, e que foi nosso amparo, norte e guia, a travez do Negro Continente, symbolo glorioso do nosso passado, affirmatione segura do nosso viver presente, no gremio das nações que se presam de avançadas, esta suave imagem da patria, que acompanhando outrora tremulante na grinalda da caravelha a cruz hasteadá no galope, no supremo trabalho de devassar o mundo, prosegue hoje em mãos de obreiros a tarefa de o civilisar.

Conselheiro Franklin Doria.

sar para o Cazembe.

Baldado empenho; ao fim de 8 dias de viagem para o N. topámos com 200 bandidos que capitaneados por Licuco, irmão de Muchiri, saíram em procura do explorador Reichard, para lhe levar a cabeça, como nos declararam.

Original declaração.

Obrigados de novo a volver ao sul, embrenhamo-nos nas florestas, onde a sorte nos ia preparar as mais terríveis provações.

Quarenta e dois dias ali estivemos, 42 vezes nos salvámos providencialmente. Vivendo como simples caçadores, percorremos esses matos em todos os sentidos, perseguindo aqui um rhinoceronte, além um elephante, sem nunca topar com a mais singela indicação da passagem do homem, até que afim esfaimados, rotos, com o remanescente da comitiva démos vista do Luapula, maior affluente oriental do Zaire; curso d'água de 400 a 500 metros de largo, e de que uma photographia breve vos dará em nosso livro uma idéa.

Os habitantes marginaes são os Ma Ussi, com quem estivemos em boas relações, apesar de suspeitosos e ferozes, consentindo que prolongássemos o curso do rio até uma cataracta á saída do largo.

Rica em marfim e minério, a região dos lagos é digna de toda a atenção, sendo que os negociantes árabes de Zanzibar já mandam de lá gente em exploração; e é de esperar que os nossos de Moçambique breve façam o mesmo também.

Cuidavamos então em circumnavégar o lago Bemba; mas, senhores, ao tempo possuímos 2 fardos e meio de fazenda, medeavam entre nós e o Indico mil milhas geográficas; não tínhamos canoa alguma, os indígenas oppunham-se á feitura de qualquer; as nossas forças abandonavam-nos também, e não querendo passar por o que passou o explorador frances Giraud, pouco a leste d'onde estávamos, com o soba Ma-Ussi Mieri-Mieri, que o roubou, e o quiz assassinar, ao que julgamos, pensámos de melhor razão o partir para o sul.

E assim se fez. Deixando essa depressão alagada, onde as águas se reunem formando grandes lagos, cortámos para o SSE., assim de buscar um caminho que ligasse a região lacustre com o Zambeze; ou seja, os mercados d'aquella zona, com a nossa província de Moçambique.

«Do Luapula para o sul (diz o ofício enviado) não desmentiu o acaso, o seu firme propósito de nos fazer deparar solidões; e desejosos de atravessar a meio a terra desconhecida entre o lago Bemba e o Zambeze, cortámos em grande parte um sertão ultimamente devastado por guerras.»

Foi atormentada a nossa viagem para o meio dia, e esse traço que por isso vêdes a WSW., representa nem mais nem menos, que a salvação da expedição, por um presentimento providencial, de que para Este não haviam habitações; levando-nos a volver, sem saber bem porquê, ao rumo quasi opposto.

Uma das noções de valor por nós trazidas d'esta região, foi a modificação na orographia d'ella, deslocando, senão talvez acabando, com a cordilheira Muchinga, ultima que tivera a honra de figurar no mapa, sob a designação

Conselheiro Franklin Doria

I

Parece que estes estudos a respeito dos nossos homens políticos, oradores e ministros não são de todo o ponto inuteis.

Um dos indícios, que nol-o diz, é a repetida provocação que o autor tem recebido para continuar a obra encetada e abandonada.

Timon poderia aqui responder a varias cartas, em que se lhe reclama contra algumas apreciações; em quê se lhe explicam certos pontos; em que se lhe pergunta o porque não desenha tal ou tal figura.

Timon apenas pondera que é como um artista; tem suas preferencias, suas inspirações momentâneas; gosta mais de deseñar os perfis dos estadistas e parlamentares de quem pôde dizer bem, do que os d'aquelles que desafiam as inclemências da critica; a qual está no seu direito apoderando-se d'elles.

Não crê que seja o unico que introduziu entre nós este genero de litteratura política, mas, sem dúvida, deu-lhe amplo desenvolvimento: — *faciant meliora potentes*

O que não se lhe contestará é que, hoje, ao longe do scenario parlamentar, nas províncias forma se uma idéa mais ou menos ajustada e da phisionomia dos nossos oradores delineados n'estes esboços.

Houve tempo em que o prestigio da distancia tornava gigantesca a figura de uns e transformava em semideuses a outros.

Uma vez José de Alencar, com o latega da critica em punho, flagellava as *noeadas de empréstimo*, e das eminencias da tribuna as atirava ás apupadas do paiz.

A força de trabalho José de Alencar chegou a manter-se com galhardia na tribuna e, no momento em que se lhe inflamavam as coxilhas d'alma desilludida, não podia perdoar estas reputações formadas, dizia elle, á sombra da tolerancia de todos, por mercê da ignorância de muitos e pelos cálculos e interesses de poucos.

(Continúa).

REVISTA POLITICA ESTRANGEIRA

PARIS, 27 DE SETEMBRO DE 1885

E' grave o que se está passando no Oriente. Já o disse na ultima revista. E que o não dissesse, todos o presentem; todos o adivinharam de instinto.

Resurge esta velha questão oriental, que tantas vezes tem posto a Europa em sobressalto. O tratado de Berlim, obra de um diplomata e estadista eminentes, que julgou ter assegurado com elle a paz, ao menos por uma serie de anos, ah! está roto. E o atentado não partiu de uma nação poderosa; mas de um estado pequeno, nascido hontem para o convívio dos países independentes! Não foi a Russia que veio, inspirada pelas suas ardentes ambições, dar razão ao tratado. Foi a Bulgária, o principado que a Europa prezera entre o Danubio e os Balcãs pa-

«...e o sertão, cortados em grande parte um sertão ultimamente devastado por guerras.»

Foi astormentada a nossa viagem para o meio dia, e esse traço que por isso vêdes a WSW., representa nem mais nem menos, que a salvação da expedição, por um presentimento providencial, de que para Este não haviam habitações; levando-nos a volver, sem saber bem porquê, ao rumo quasi opposto.

Uma das noções de valor por nós trazidas d'esta região, foi a modificação na orographia d'ella, deslocando, senão talvez acabando, com a cordilheira Muchinga, ultima que tivera a honra de figurar no mappa, sob a designação de montanhas da Lua, ou espinhaço do mundo; e ainda a determinação da hydrographia norte do grande rio que a Moçambique vai desaguar; bem como ter fixado caminhos que para o oeste se dirigem, e estabelecido as nossas relações com povos diferentes.

O constante anseio era então attingir o Zambeze.

Era por elle que nos dispunhamos a seguir, era por elle que tencionavamos regressar ao mundo civilizado; a idéa de o encontrar, pois, alentando de novo os nossos abatidos animos, impelia-nos ligeiros pela aba do planalto, fazendo esquecer tormentos e trabalhos.

Estavamos prestes a largar o sertão africano, esse escuro dedalo, theatro de tantas luctas para a expedição portugueza, e para a qual nem um sequer, ousava voltar a cara, tamanho era o receio que a todos inspirava.

Com uma puerilidade sem igual (seja-nos perdoada a declaração), fugiamos ao sul, como que acossados por tormenta; e esses homens, senhores, que no meio de tanta peripécia, haviam tentado a travessia d'Africa com 27 fardos de fazenda, dos quaes 4 lhe haviam sido roubados, e 13 pacotes de missanga; que havendo partido com uma luzida comitiva, se viam agorá reduzidos á 60 emagrecidos companheiros e 4 ou 6 volumes contendo os resultados da viagem, abalavam suspeitos e timidos, como o poderia fazer uma criança, á lembrança do papão!

Para que as fadigas não tivessem ainda remate, veiu de improviso estorvar-nos a passagem, toda a série de montanhas que se estiram ao longo do Zambeze, fatigando-nos por modo que quasi não tiuhamos força para soltar um hurrah! ao avistal-o.

Curiosa era de vez, essa linha de homens esfarrapados, emagrecidos, levando em frente a bandeira que abri vêdes, ora emergindo, ora surdindo d'entre os bosques de espinheiros que vestem as margens do grande rio, e atirar-se lixeiros pelo caminho do oceano.

Tinados, sordidos, feridos, olhando para tudo e para todos suspeitos, pareciamos um bando de ciganos, que tendo escapado de um fogo, havíamos de subito passado á luta com feras.

Adiante esperavamos o quadro da gloria ou da apoteose.

Ardiam em guerra as duas margens do Zambeze.

Tres capitães mores reunidos em Dio, varriam a cito a região dos Ba-Nias, levando de vencida todos saltadores das terras do sul, quan-

E' grave o que se está passando no Oriente. Já o disse na ultima revista. E que o não dissesse, todos o presentem; todos o adivinharam de instinto.

Resurge esta velha questão oriental, que tantas vezes tem posto a Europa em sobressaltos. O tratado de Berlim, obra de um diplomata e estadista eminente, que julgou ter assegurado com elle a paz, ao menos por uma serie de anos, ahí está roto. E o attentado não partiu de uma nação poderosa; mas de um estado pequeno, nascido hontem para o convívio dos países independentes! Não foi a Russia que veiu, inspirada pelas suas ardentes ambições, dar razão ao tratado. Fpi a Bulgaria, o principado que a Europa pozera entre o Danubio e os Balkans para equilibrio do oriente, e não para turvar tão cedo esse equilibrio!

Se encaramos o movimento da Romelia pelo lado que parece mais sympathetic, que encontramos n'elle? A aspiração, sempre sagrada, de um povo para conquistar a sua independencia, para fundar uma nacionalidade vigorosa.

A diplomacia em Berlim separou em dois os povos de uma raça, que tende a unificar-se e porventura a passar por cima das mais raças. Foi uma violencia; e admira que os estadistas consummados que tinham assento no congresso não houvessem reconhecido que não podia ser obra duradoura, exactamente porque era violenta.

Introduziu-se na Europa o principio das nacionalidades. O congresso acatou-o emancipando os bulgaros do norte, formando com elles um estado independente, e deixou os do sul juntados ao imperio ottomano, reconhecendo-lhes aliás o direito de formarem uma província autonoma!

Exigia-o assim o equilibrio do Oriente? E possivel. Mas a razão principal foi talvez outra. A Turquia não queria prescindir da vertente meridional dos Balkans. Se a perdesse, ficava com a fronteira aberta, e Constantinopla ameaçada. O congresso não quiz arriscar a contingencia de uma Turquia descoberta do lado dos Balkans e diante de uma Bulgaria slava, que a Russia teria forçosamente nas mãos.

Pois bastou uma insurreição de poucas horas para desfazer toda a architetura dos diplomatas do congresso! Bulgaros do norte e bulgaros do sul não formam agora senão um estado, o mesmo que a Russia havia exigido no tratado de Santo Stefano. A revolução restaurou nos Balkans o principio das nacionalidades, principio essencialmente revolucionario, como o qualificou Mazzini, e que em toda a parte anda efectivamente aliado á revolução. Como ha de a Europa impedir a fusão dos bulgaros, ella que subsiste como hoje está pela fusão dos italianos e pela fusão dos alemães?

O que ha de grave no acontecimento é que elle pôde ter consequencias da maior importancia para a paz do Oriente. E' sympathetic o movimento que leva um povo a fazer o que este fez. Mas a junção dos bulgaros ao norte e ao sul dos Balkans vai despertar appetites e aspirações nos povos e estados vizinhos. Não terá a Rumania desejo de juutar tambem a si os rumâcos da Transylvânia, que os Karpatos separaram d'ella, como os Balkans separavam a Bulgaria da Romelia? Não querera a Grecia aproveitar o ensejo de fundir no reino helénico a

Macedonia, que de mais a mais os bulgares lhe disputam? Quem pôde prever a que aventuras se julgarão auctoriados esses estados irrequietos do Oriente, se se convencerem que o tratado de Berlim pode ser impunemente esfarrapado, e que a Europa aceita os factos consummados sem oposição?!

Se, pelo contrario, a Europa pretende restabelecer o *statu quo*, deixando a Turquia reprimir a revolta militarmente, pôde alguém afirmar que a Russia não acudira a favor dos bulgares, que formam uma parte importante da guarda avançada do slavismo nos Balkans?

Nem se pôde explicar a inércia da Turquia diante da insurreição se não pelo receio de encontrar a Rússia por traz do príncipe Alexandre. A Porta tem um corpo d' exercito em Adrianópole, que podia mandar imediatamente á Romélia logo que a revolta manifestou. O tratado de Berlim da-lhe permissão e o fazer num caso como este. E, todavia, já lá vão tantos dias e nenhuma deliberação! A não ser o receio de encontrar os russos em frente de si, não se comprehende como a Porta deixa consummar a espoliação de uma província sem tomar providências energicas. A inércia da Turquia n'este caso é a sua condenação política como estado soberano. A Albânia, a Macedónia podem arriscar-se a fazê-lo e mesmo que a Romélia. A tanto obriga a abstenção da Porta nos acontecimentos de Philipópoli!

Se a Europa reconhece os factos consummados, o tratado de Berlim perde completamente a auctoridade e cada um dos principes do oriente se julgará habilitado a esfarrapalo, segundo o exemplo de Alexandre de Battenberg. A Albânia e a Macedónia podem ser arrancadas pelo mesmo processo ao imperio otomano. Que importa que o tratado tenha um rasgo de mais ou de menos?!

O peor é que esses rasgos se não podem fazer sem que se ponha em risco a paz da Europa. Se a Romélia se separa e a grande Bulgária se constitue sem que a artilharia trêce nos Balkans, não aconteceria de certo outro tanto se a Macedónia, por exemplo, quizesse seguir o exemplo da Romélia. A Grécia julga-se no direito de herdar esse paiz de origem bellenica; os bulgares fazem por lá uma propaganda a seu favor, e provavelmente o príncipe Alexandre ulga poder aumentar com elle os seus estados. Por outro lado a Servia espreita ciosa as pretensões de engrandecimento da Bulgária, ao passo que se considera com direito à Bosnia e Herzegovina.

E por fim a Austria, que não tira os olhos de Salónica, poria provavelmente o seu veto a uma annexação da Macedónia a qualquer dos vizinhos que a cubram. Diante d'este conflito de ambições, de que o oriente está sempre ameaçado, uma alteração violenta no *statu quo* estabelecido pelo tratado de Berlim, se não é um perigo imediato para a paz da Europa, é incontestavelmente um perigo futuro e proximo.

O qualquer dia rompe na Macedónia e na Albânia uma insurreição semelhante à da Romélia, fomentada igualmente pelas juntas panslavistas, e a consequencia será uma batalha geral entre os que disputam os ultimos despojos do imperio otomano.

D'hoje a oito dias realizam-se em França as eleições geraes de deputados. Pouco, ou nada temos a acrescentar ao que deixámos dito

Uma potencia protestante e que não vive em relações muito cordeas com o Vaticano, propondo o papa para juiz do seu direito num pleito com uma potencia essencialmente católica!!

—Na Holanda tem havido uma tal ou qual agitação socialista. Há anos que o partido liberal insta pela reforma da constituição, no intuito de alargar as franquias populares e ao mesmo tempo regular a successão da coroa. A opinião parece ter-se pronunciado por tal arte a favor d'essa reforma, que o ministerio actual, que não saiu aliás do partido progressista, resolveu apresentar o projecto.

Uma comissão foi encarregada de o elaborar, e esperava-se que este anno pudesse ser discutido no parlamento.

Na legislatura de 1884-1885 apenas se reformou o artigo 108º, que implicava com a questão da successão e regencia.

Tendo-se realizado a abertura dos estados geraes, segunda-feira ultima, era natural que o discurso da coroa alludisse à reforma constitucional. Não aconteceu porém assim.

Os socialistas aproveitaram o ensejo para reclamar o suffragio universal, a pretexto de que só elle pode "fazer ao parlamento os elementos liberais" para se levar por diante não só a reforma, como outras reformas importantes—a introdução do jury, por exemplo, que a Holanda não posse.

Houve meetings em Amsterdam e na Hayau e os manifestantes percorreram as ruas com a bandeira vermelha desfraldada, indo intimar o governo a propôr o suffragio universal, e tornando-o responsável pelas consequencias de um indeferido.

O partido liberal, instando por um certo numero de reformas, reconhecia que elles se iam tornando indispensaveis para conjurar um movimento popular. O governo manda elaborar os projectos e guarda-os depois na gaveta! Assim acontece com o da reforma do código penal, o da revisão constitucional, os da reorganização do sistema tributario e do sistema eleitoral. E o peor é que o presidente da camara, num discurso feito ao abrir-se a sessão legislativa, mostra a sua descrença em que tales projectos sejam discutidos e votados na sessão que principia.

Com estes adiamentos systematicos o governo não faz senão aggravar a situação politica do paiz. A apresentação dos projectos é a confissão da sua necessidade, ou uma trica politica contra os que proclamaram a urgencia das reformas. O adiamento perpetuo é um erro que só a cegueira conservadora não vê.

—Os acontecimentos da Romélia originaram uma crise politica em Constantinopla. O ministerio turco foi recomposto sem que se saiba, porém, o verdadeiro motivo d'esta mudança ministerial. Haveria porventura divergência de opiniões ácerca do procedimento que o governo devia ter? Quereriam uns que se debelassem a insurreição imediatamente, outros que se recorresse ao conselho das potencias?

O que verdade é que as coisas se encaminham para o reconhecimento dos factos consummados. E este o direito quasi invariável na Europa nos ultimos tempos. Corre o boato de proxima conferencia para rever o tratado de Berlim e sanctionar provavelmente a junção da Romélia à Bulgaria. E talvez o melhor meio de

Castanhas		Livr.
Favas	Kilogr.	\$0
Legumes secos não especificados	"	\$0
Batatas	"	\$0
Salepo	"	\$010
Tuberculos não especificados	"	Livres
Cevadinha	Kilogr.	\$020
Farinha de pau	"	\$005
Fecula de mandioca, tapioca, arrow-root e sagú	"	\$020
Todas as demais feculas, preparadas ou não e amido	"	\$050
Massas	"	\$050
Biscoito e bolacha	"	\$075
Cevada germinada	"	Livre
Cevada torrada em grão	Kilogr.	\$020
Grãos farinaceos não especificados, com casca ou sem ella	"	\$00

CLASSE 10.

Generos chamados coloniaes (a)

Assucar resinado (b)	Kilogr.	\$125
Assucar não resinado (b)	"	\$090
Metago	"	\$020
Doces de calda	"	\$070
Doces secos e bolos doces	"	\$125
Baunilha e fava de cheiro	"	Livres
Cacau e sua casca	Kilogr.	\$020
Chocolate	"	\$100
Café em casca ou descascado	"	\$120
Café torrado e moído e suas imitações, incluindo a chicoria	"	\$140
Chi	"	\$800
Pimentão	"	\$025
Especiarias não especificadas	"	\$100
Especiarias em conserva de mostarda	"	\$250
Especiarias em conserva não especificada	"	\$100
Tabaco de rolo	"	1\$440
Tabaco em folha, moinha de folha e talo	"	1\$680
Tabaco em charutos	"	2\$640
Tabaco manipulado, em qualquer outra especie e talo picado	"	—

(a) Vide artigo 5º das instruções preliminares.

(b) Vide artigo 6º das instruções preliminares.

(Continua.)

Commercio, Industria e Finanças

Atravez dos Pyreneos.—A Gaceta de los caminos de hierro de Espana y Portugal diz que os trabalhos dos caminhos de ferro dos Pyreneos centraes começaram na primavera proxima se conseguirem que as camaras francesa e hespanhola os approvem em tempo opportuno.

De Zaragoza a Huelva —Diz a mesma Gaceta que os trabalhos d'esta linha vão muito adiandados, estando já assente o projecto da Guia, e esperando-se que em breves mezes se faça a inauguração.

Suspensão de comboios.—Desde 22 do corrente foram suspensos os comboios expressos entre Madrid e Barcelona.

vistas, e a consequencia será uma batalha geral entre os que disputam os ultimos despojos do imperio ottomano.

D'hoje a oito dias realisam-se em França as eleições geraes de deputados. Pouco, ou nada temos a acrescentar ao que deixámos dito nas revistas anteriores. E tão em campo republicanos oportunistas, radicais, e socialistas, sem contar com os grupos nulos isolados, de R. de Leão Say, & C. que representam as idéas do centro esquerdo, minimamente moderadas, como se sahe. Por parte dos partidos monarchicos encontramos orleanistas e bonapartistas, n'umas partes unidos, n'outras separados. Em 82 departamentos, assim mesmo, não ha senão uma lista contendo candidato de ambas as cores monarchicas: mas só em 21 o numero dos votos é repartido igualmente entre os dois partidos. Nos restantes as diferenças são grandes, umas vezes a favor dos realistas, outras a favor dos bonapartistas; mas, em geral, são estes os sacrificados.

O principe Napoleão, formando coterie é parte, declarou n'um manifesto em forma de carta que se abstem de intervir no acto eleitoral. Despeitado pelos arranjos que se fizeram entre orleanistas e imperialistas, o principe accusa os ultimos de se haverem posto ao serviço da causa bourbonica e fomentado a discordia na sua propria familia d'elle Napoleão. É uma alusão ás divergencias existentes entre o principe Victor e seu paes. Por isto se pôde fazer idéa do desacordo que vae no partido, e que esperanças elle pôde ter no resultado das eleições. Os orleanistas ganharão por certo algumas victorias; os bonapartistas sairão do acto eleitoral mais fracos do que antes. Se alguma restauração monarchica fosse possivel em França, não era com certeza o imperio que saia d'ella.

O duque de Broglie pronunciou um grande discurso politico em Evreux, discurso que as folhas conservadoras elevam ás nuvens. Como forma, é evidente que o discurso devia ser importante, porque o duque, que é um escriptor de primeira plana, é tambem um dos oradores mais litterarios, mais correctos e mais eloquentes da tribuna franceza. Quanto ao fundo, pouco podemos extasiar-nos. Discursos de oposição politica, mesmo academicos como os do duque de Broglie, teem sempre por base logres communs, e sacrificam ordinariamente a critica e a historia á paixão partidaria. O orador atacou a politica republicana seguida nos ultimos annos, estrangeira, colonial e interna. Fallou de finanças para afirmar que os republicanos as teem posto em mau estado, e no Tongking para assacar aos oportunistas a culpa dos reveses que por lá tem havido, com o Amann e com a China.

O duque de Broglie havia perdido, como se sabe, a eleição para o senado, e estava fora do parlamento. Agora propõe-se a deputado, e é provavel que fique eleito. Será sempre uma personalidade importante na camara; a oposição conservadora parece ter decidido tomar-o por chefe. Veremos o que elle poderá fazer tendo sob a sua direcção orleanistas e bonapartistas, não por causa dos primeiros, que são cor- religionarios seus, mas dos segundos, que sympathizam pouco com elle politica e pessoalmente.

Nos certos politicos haem informado

que verdade é que as coisas se encaminham para o reconhecimento dos factos consumados. B' este o direito quasi invariavel na Europa nos ultimos tempos. Corre o boato de proxima conferencia para rever o tratado de Berlim e sucessionar provavelmente a juncção da Romelia e Bulgaria. E talvez o melhor meio de conservar a paz, porque a intervenção militar da Turquia pôde fazer rebentar uma conflagração.

Todos os pequenos estados do Oriente se mostram excessivamente bellicos, e na Grecia como na Servia, na Romania como no Montenegro o vento sopra em tempestade. Mobilisam se os exercitos e chama-se as reservas ás fileiras.

As eleições geraes na Inglaterra parecem que se não realizam este anno, e só em janeiro do anno proximo. O parlamento foi adiado para 5 de dezembro, mas talvez se decrete ainda novo adiamento. O governo quer preparar se para a campanha em que os liberaes lhe disputam ardenteamente a victoria.

Em França o conselho de ministros já ante-hontem se ocupou da convocação das camaras.

As eleições verificam-se no dia 4 de outubro; a abertura do parlamento terá provavelmente lugar a 15 de novembro.

Novos despachos confirmam a intervenção do papa na questão hispano-allemã, mas como simples medianeiro, e não como arbitro, e ainda assim a sua mediação só terá efeito no caso das negociações directas entre Berlim e Madrid offerecerem alguma dificuldade.

As minhas informações porém são de que o acordo existe; a mediação seria portanto imprecisa, ou entraria no numero das galgas que o telegrapho faz ás vezes correr.

ARNALDO DE OLIVEIRA.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

A segunda sessão abriu-se hoje pela 1 hora da tarde, presidindo o sr. conselheiro Jayme Constantino de Freitas Moniz.

Feita a chamada fez-se a leitura da acta.

O sr. dr. Santos Viegas mandou para a mesa diversas propostas, justificando a falta da apresentação na sessão anterior.

A primeira d'essas propostas refere-se á juncção das facultades de philosophia e matematica; outras, de não menor alcance, abrangem varios melhoramentos no ensino universitario.

O sr. dr. Luiz da Costa e Almeida, delegado da facultade de matematica, leu tambem diversas propostas de importancia para o ensino na sua facultade.

O sr. Bettencourt Raposo, delegado da escola medico-cirurgica de Lisboa, teve a palavra para fim identico, assim como os srs. conselheiro Adriano Machado, Soares dos Reis, delegado da academia do Porto e delegado do conservatorio.

O sr. Henrique de Macedo leu o parecer sobre as reformas a introduzir no observatorio astronomico de Lisboa, e fez sobre elle algumas considerações. Posto á votação foi aprovado. O sr. Silveira da Motta apresentou um parecer, no qual conclue, que já no anno lectivo de 1885 e 1886 seja transferida a sede de

inauguração.

Suspensão de comboios. — Desde 22 do corrente foram suspensos os comboios expressos entre Madrid e Barcelona.

Commercio internacional. — A importação e exportação em França, nos 8 meses de janeiro a agosto d'este anno, e do de 1884 dão os seguintes resultados:

Importação em 1885.....	2.843.792.000 fr.
» » 1884.....	2.852.527.000 »
Exportação em 1885.....	2.073.308.000 »
» » 1884.....	1.965.147.000 »

Houve, portanto, uma diminuição de francos 8.735.000, e um aumento na exportação de 107.261.000 francos.

Diminuição de receitas. — Entre as 6 grandes companhias de caminhos de ferro franceses, a diferença a menos nos productos desde 1 de janeiro até 2 do corrente, em relação a igual periodo de 1884, é já de 25.227.000 fr. 4.540.860 \$000 réis; a da rede do norte de Espanha sobe já a 898.000 pesetas, 161.640 \$000 réis, e a de Zaragoza 1.410.000 pesetas, réis 253.800 \$000.

Os omnibus de Londres. — Esta empreza de viação teve no 1.º semestre do corrente anno um rendimento de 8.019.154,30 francos, 1.443 contos de réis.

O movimento de passageiros foi de mais 1.039.882 do que em igual semestre de 1884.

República Argentina. — O orçamento d'este estado, para o anno de 1886, é de 14.220.832 dollars, sendo as principaes verbas de despesa 3.09.393 para a dívida publica, 2.295.114 para despesas do governo, 3.734.816 para caminhos de ferro e telegraphos, 1.234.713 para as camaras municipaes e 1.117.060 para os conselhos escolares.

As principaes fontes de receita são dollars 3.734.817, producto das receitas dos caminhos de ferro: 2.800.000 de venda de terrenos e 1.000.000 de contribuições directas.

Vê se pelas verbas de receita e despesa dos caminhos de ferro e telegraphos que, n'esta industria, que alli é quasi na totalidade administrada pelo estado, não espera o governo ter perda alguma, mas também não conta com o menor lucro.

Os impostos em França. — O rendimento dos impostos durante os primeiros 8 meses d'este anno apresenta augmento sobre o anno passado de 8.319.600 francos, ou cerca de 1.500 contos de réis, tendo sido em 1884 de francos 1.168.139.500 e no corrente anno 1.470.763.700 francos, e augmentando á diferença d'estas sommas o rendimento do dia 29 de fevereiro, que só se deu no anno passado (bissexto) e foi de 5.695.400 francos.

Cerejas. — A colheita dos cerejas em França é muito satisfactoria.

Os trigos dão os melhores resultados na maior parte do paiz e o mesmo succede, posto

dor atacou a política republicana seguida nos ultimos annos, estrangeira, colonial e interna. Fallou de finanças para afirmar que os republicanos as teem posto em mau estado, e no Tongking para assacar aos oportunistas a culpa dos revezes que por lá tem havido, com o Amann e com a China.

O duque de Broglie havia perdido, como se sabe, a eleição para o senado, e estava fora do parlamento. Agora propõe-se a deputado, e é provavel que fique eleito. Será sempre uma personalidade importante na camara; a oposição conservadora parece ter decidido tomar-o por chefe. Veremos o que elle poderá fazer tendo sob a sua direcção orleanistas e bonapartistas; não por causa dos primeiros, que são cor- religionarios seus, mas dos segundos, que sympathizam pouco com elle politica e pessoalmente.

— Nos centros politicos bem informados dá-se por liquidado o negocio das Carolinas. A Alemanha cede de boa mente as ilhas à Hespanha, reconhece a prioridade de descoberta e ocupação, a troco de concessões no terreno economico; isto é, garantindo-lhe a Hespanha a liberdade commercial e a protecção dos subditos allemaes e respectivo trafico n'aquellas regiões.

Noto porém, que, sendo tales informações as mais dignas de credito, os jornaes fallam ainda de arbitragem e das instancias das potencias junto do gabinete de Madrid, para que este se preste a aceitá-la.

Se o accordo está feito directamente entre as partes interessadas, que vem cá fazer a arbitragem?

E' mais uma das muitas contradições com que o telegrapho e a imprensa nos teem brindado a respeito do conflito hispano allemao.

Em artigo principal do *Jornal do Commercio*, pouco depois de rebentar o conflito, escreveu-se que o principe de Bismarck o que provavelmente pretendia, levantando a questão das Carolinas, era obter a liberdade commercial e as vantagens possiveis para o seu paiz, contentando-se com isto e desistindo da posse das ilhas.

Foi uma previsão esclarecida, que os accen- cimento parecer quererem confirmar, e que honra a prescincia politica do illustrado autor do artigo.

O principe de Bismarck não faz senão obedecer à corrente do nosso tempo. D'est'arte se serem e decidem pelejas com maior lucro para os povos.

A guerra tende a retrahir-se cada vez mais, a passar do campo politico para o campo os interesses economicos; e a Alemanha, suficientemente satisfeita com os seus triumphos militares, procura obtelos de outra especie, evidentemente mais proveitosos ao progresso das suas industrias e ao desenvolvimento do commerce, e portanto à sua prosperidade nacional.

No assumpto de arbitragem registemos sempre um telegramma de Madrid, comunicando que a Alemanha propozera para arbitro papa Leão XIII. Como as agencias nos teem ido tanta vez noticias as mais extravagantes, possível que esta entre no numero d'ellas.

matematica; outras, de não menor alcance, abrangem varios melhoramentos no ensino universitario.

O sr. dr. Luiz da Costa e Almeida, delegado da facultade de mathematica, leu tambem diversas propostas de importancia para o ensino na sua facultade.

O sr. Bettencourt Raposo, delegado da escola medico-cirurgica de Lisboa, teve a palavra para fim identico, assim como os srs. conselheiro Adriano Machado, Soares dos Reis, delegado da academia do Porto e delegado do conservatorio.

O sr. Henrique de Macedo leu o parecer sobre as reformas a introduzir no observatorio astronomico de Lisboa, e fez sobre elle algumas considerações. Posto á votação foi aprovado. O sr. Silveira da Motta apresentou um parecer, no qual conclue, que já no anno lectivo de 1885 e 1886 seja transferida a aula de diplomacia da Torre do Tombo para o curso superior de letras. O sr. Sousa Lobo leu outro parecer sobre a reorganização das secretarias da Torre do Tombo. Foram votados outros pareceres.

O sr. Sousa Lobo apresentou a seguinte proposta:

«Proponho que o curso superior de letras se organize com as cadeiras que o compõem e das mais que elle entenda necessarias, e com um instituto, que sirva de escola normal para o professorado dos lyceus na secção de humanidades e onde se ensine superiormente, historia, philosophia e letras.»

Fallaram sobre esta proposta muitos oradores, entre elles os srs. Adriano Machado, Santos Viegas, Damasio, Bernardino Machado, Thomaz de Carvalho, etc.

Votou-se final, por unanimidade, a seguinte emenda: onde se diz nova escola normal para o professorado dos lyceus, deve ser — onde possam habilitar-se professores, etc.

FAZENDA GERAL DAS ALFANDEGAS

(Continuado do n.º 9:533)

Direitos de Importação

MATERIAS VEGETAES SUAS MANUFACTURAS

CLASSE 6. ^a	Unidades	Direitos em réis
Farinaceos		
Trigo em grão.....	Kilogr.	5010
Milho e centeio em grão.....	"	5009
Cevada e aveia em grão.....	"	5008
Farinha de trigo.....	"	5016
Farinha de milho e de centeio.....	"	5011
Farinha de cevada e de aveia.....	"	5009
Cereais panificados (pão cozido).....	"	5012
Arroz com casca.....	"	5010
Arroz com meio preparo (não braseado).....	"	5015
Arroz descascado.....	"	5020
Alpiste e painço.....	"	5020

trada pelo estado, não espera o governo ter perda alguma, mas tambem não conta com o menor lucro.

Os impostos em França. — O rendimento dos impostos durante os primeiros 8 meses d'este anno apresenta augmento sobre o anno passado de 8 319.600 francos, ou cerca de 1:500 contos de réis, tendo sido em 1884 de francos 1.468.139.500 e no corrente anno 1.470.763.700 francos, e augmentando á diferença d'estas sommas o rendimento do dia 29 de fevereiro, que só se deu no anno passado (bisexto) e foi de 5.695.400 francos.

Cereales. — A colheita dos cereais em França é muito satisfatoria.

Os trigos dão os melhores resultados na maior parte do paiz e o mesmo sucede, posto que em menor escala, com as aveias, milhos, centeios e cevadas.

Commercio sul americano. — A importação na província de Buenos Ayres atingiu em 1885, janeiro e maio, o valor de 34.421.879 dollars e a exportação 34.814.755, contra 28.889.894 e 29.322.797 respectivamente em 1884.

Este augmento pôde ser proveniente, diz o *Moniteur des Consulats*, de um valor mais elevado dado à mercadoria, por causa do uso do papel moeda.

Durante este periodo o paiz recebeu 11.398 passageiros da Europa.

A exploração das minas desenvolv-se nas províncias de Salto e Jugny.

Na província de Buenos Ayres ha 790 kilómetros de caminhos de ferro, e o sul d'esta província, da qual a Bahia Branca é o ponto mais importante, tem-se tornado o centro mais frequentado pela navegação ingleza e francesa, no commercio d'estas nações com a república.

A Bahia Branca já está ligada por caminho de ferro com Buenos Ayres, e a colonisaçao das suas cercanias faz-se rapidamente pela ameaça do chinês, facilidade de cultura e outras condições de vida.

O orçamento brasileiro. — O ministro das finanças do Brasil apresentou o orçamento para o exercicio de 1886-87, no qual figuram as receitas avaliadas em 132.881.600.500 réis e as despesas em 142.888.510.5102 réis, sendo portanto, o deficit de dez mil contos fracos.

Nas verbas de despesa entra a de 1:300 contos para resgate de escravos.

O governo fica autorizado a emitir titulos do tesouro até 15 mil contos.

O ministro da fazenda recorda a utilidade de estabelecer o imposto territorial, elevação das taxas do imposto de algumas industrias e profissões, revisão do imposto do selo e aumento do dos vinhos, licores e tabaco.

O total da dívida brasileira é de 869 mil contos ou seja 86.3873 réis por habitante.

Vae-se fundar o banco hypothecario de Pará, cuja emissão é feita em Paris e no Brasil.

Navegação por petróleo. — Um correspon-

Historia

1^a época - hasta los s.och.

Difusión de part., falta de unida^d; y más tarde de
de Roma quedan en grecia, decretos: unida^d
era obstante, la relig., el dñ. L. Galieno.

2^a época: - hasta arabs.

Todos desvanece^r yodas y indigenas

cuando la estancia habia desaparecido entre jodas el jor. granular.

3^a - hasta -

de invasión árabe desaparece^r los b. cent.; pero punto visto
la clere clara grande de los antiguos cleros, de los antiguos b. cent.

4^a - desaparecen en la mitad del siglo llamas ante P.P. Cl.

Dice q. la unida^d se logra en este periodo, q. regina
que desaparece^r y se logra la unida^d otra en su adalid.

Dr. administrati^r

recomienda doctorial:

recomienda dr. inten^t.

recomienda lastro juri^t. adm.

Sign Convention concerning
Safe Collection of Radioactive
waste & Treatment facilities
International Organization for
Atomic Energy Vienna
and Regional Commission
for Central Europe

~~colmillos de los cítricos y el centro del bosque~~
que forman el borde de la Celtiberia. Arroces, turmitas, ~~etc.~~
~~en la del bosque~~
rigos, bellotas, etc. titios. Lirios ⁽¹⁾ Vetas. ~~etc.~~
⁽¹⁾ La del Lirio que crece
entre los rocas

1

HUES--9

guedades, us juntas juntas en comun y una tarde en
fira de la Celtaibia, individualizadas en grande por su
cuerpo de Tigris y Veneris, con la de la
mujer de Tendri (1). Con ese grupo de apellidos ~~entabla~~
venía de Asturias la fama tigre, y el nombre
~~lambas~~ de la plebe de Asturias, que se dice
clase libre descendiente de los vascos, ~~asturis~~, la misma
que viene de Asturias. Aquella es un gran
número de gente de hecho. Se habla en Asturias
en libertad y no parece de tono. La situación es
una sociedad fundada en la amistad y la confianza
y separada militarmente de las otras provincias, sin un poder
central robusto y fuerte que administre justicia a grande
proporción. Así es que las provincias, la plebe, viviendo pobre,
indigna, ~~solos~~ de Asturias en su mayor parte ricos, tienen
que provocar provecho de sus riquezas de modo que
no quede en situación muy difícil de la plebe
de Asturias. Un poco de la plebe del Estado de
Pirineo, ~~que~~ también es una situación
similar, y de la cual pudo escribir Jules Cesar en sus
memorias de bellas galas "plebs pene uenorum habetum
locus"; y así que, de hecho, la condición de la plebe tiene
mucha de ingenuidad de servil. No era a la muerte en
apresamiento, en un accidente, en una condición ~~que~~ mortal
de aquella suerte. En historiadas la situación de
semejante la clase. En historiadas la situación de
distintas naciones, y parecen equivalentes: una vez dyous,
populos, populus, tas, atropos (?), angae, petunios. Cosa
que resulta razonable. Natura humana obedece a ciertas
leyes necesarias de continuidad en su permanencia.
La necesidad de continuidad en su permanencia
y continuidad morían uno a continuación los otros,
y ya ellos, desbandados los fauces del campo, o más
a la elevada cumbre del cañón — en especie — en
abajo se iban introduciendo por el río del norte, y por
la puerta abierta con rotura (castillo 15 de Vizcaya).

(1) M. De la Torre, del O. de la C. D. de T. milicia d. por la muerte hasta la antigua
de Casar, el resto era criado en comun por los padres y los padres, naciendo ~~el año~~
antes de su nacimiento. "origen de la propietaria tenida de P. Perme Celtaica 1000" (2)

~~mane pa. algarra contra sus señores
Rep. y Mezquita en la Señoría de Roma
se ha hecho concesión de tierra libre de
deudas y tendencias a su favor, el que
varia (el 10 de Mayo, firmado en Roma) es
que se ha de dar libertad
de su servicio a los señores de Roma
(Ley de Madrid, 1891-95, pag. 12, art. 12)
y en el año de 1895, se ha de tener en cuenta
en la ejecución de los viñedos y la caza en el parque
el que se ha de cumplir en el año de Madrid 1895, y
que el mismo tiene que ver con el
que se ha de servir a los señores de Roma, que
se ha de tener en cuenta ibidem, +.I. Madrid 1895
1895, pag. 1 - 12. Que cuando sea V.D. también
entendrá lo obligado en el año de
1895 y más.~~

A. M. F.
HUESCA

Noticias d'Angola

Poucas noticias importantes nos trouxe o paquete d'Africa chegado hoje.

De Angola receberam-se correspondencias da expedição ao Muata Yano que alcançam a 20 de agosto. O sr. Henrique de Carvalho estava na estação que elle denominará Serpa Pinto, Capello e Ivens, e que fica situada a 8° 20' lat. S. e 21° 38' long. E. Greenwich, á altitude de 877 metros.

A penultima estação era a do conde de Ficalho.

As circumstancias da expedição, longe de melhorarem, tinham-se aggravado. O sr. Henrique de Carvalho teimava em não regressar a Loanda, sem conseguir ver triumphar o pretendente ao logar de chefe de estado, que elle protegia e que levava na sua companhia. Mas as difficuldades eram enormes. O territorio do Muata Yano offerece um triste espectaculo de desolação e de ruina. As guerras continuadas e incessantes entre os diferentes sobas, e entre os diferentes pretendentes teem tornado aquela região um verdadeiro deserto. Tudo tem sido devastado pela guerra. O commercio não encontra alli para realizar as suas permutações nem marfim, nem borracha.

Segundo as noticias da expedição, estava esta proximo do rio Luembe, affluente de Kasai, e do outro lado acampavam os rebeldes ou antes os partidarios de outro pretendente. É possivel que o sr. major Carvalho consiga, ao fim de tantos trabalhos e fadigas, levar ao throno, *hoje bem pouco valioso ao que parece*, o seu pretendente, que talvez não valha mais de que o throno; comtudo a sorte da expedição não será muito lisongeira, quer o consiga quer não.

O certo é que, segundo consta pelas ultimas noticias agora recebidas, o sub-chefe da expedição e o capitão Aguiar resolveram abandonar o sr. major Carvalho e regressar a Loanda. Vinham já de volta e eram esperados em Malange, á data das ultimas noticias d'esta localidade recebidas em Loanda.

O pretendente a chefe do Muata Yauno protegido pelo major Carvalho, era recebido em algumas localidades com grandes festas, mas não obstante este acolhimento parece que elle tinha serios receios de avançar até a Lunda, temendo ser assassinado, o que é um modo simples e corrente de se livrarem os pretendentes uns dos outros n'aquellas boas terras.

Em todo o caso a expedição parece que esgota de recursos, a julgar pelas noticias chegadas a Loanda, por intermedio do negociante José Machado, de Malange. O governador geral de Angola déra logo ordens para que se enviassem todos os recursos.

Como se vê, porém, de quanto fica dito, a expedição não estava em difficuldades, por lhe ser embaracado o caminho, mas unicamente pelo empenho que o major Carvalho tinha de não deixar Lunda sem que tomasse posse do governo o pretendente que o acompanhava. As ordens do governador devem ter-lhe fornecido quaequer recursos de que elle carecesse, e é de suppôr que elle, se reconhecesse que o seu empenho era difícil e a sua insistencia pouco proveitosa, se resolvesse a seguir o caminho dos seus dois companheiros.

A proposito, vem dizer que o governo agradeceu, mas não aceitou o offerecimento feito pelo sr. Carlos de Mello, por intermedio da sociedade de geographia, para ir em socorro da expedição. A verdade é que não consta que a expedição esteja em perigo, e que, se effectivamente carecia de recursos, só promptamente e a tempo lhe podiam ser mandados, como foram, por intermedio de Malange.

—Tinham sido encetados os primeiros tra-

balhos para o

Spanien

J. D. Joaquin Costa
K. C. No. V.

Madrid,
Barquillo, 5.



Álava, die Cartailhacs Buch ergänzen (S. 281 ff.); die beigegebene Uebersichtskarte über Dolmen und ähnliche prähistorische Ueberreste in Spanien und Portugal (S. 298) ist freilich sehr unvollständig.

Alles in Allem ein Beitrag zu der an Nummern reichen, aber an wirklich Werthvollem armen Bibliographie der Reisen in Spanien (vgl. DLZ. 1897 Sp. 821 ff.), der es verdient, den weiten Kreisen derer empfohlen zu werden, deren Aufmerksamkeit das peinliche Schicksal der sonst wenig bekannten und wenig beachteten Nation in ihrem aussichtslosen Kampf mit dem weit überlegenen Gegner jetzt täglich in Anspruch nimmt.

Berlin.

E. Hübner.

Staats- und Rechtswissenschaften.

Michel-Ange Vaccaro, *Les bases sociologiques du droit et de l'état*. Ouvrage traduit sur l'édition italienne par J. Gaure et complètement resoudu. [Bibliothèque sociologique internationale p. sous la direction de M. René Worms.] Paris, V. Giard et E. Brière, 1898. LXI u. 480 S. 8°. Fr. 8.

Das vorliegende Werk behandelt die Entwicklung der politischen und der rechtlich-sozialen Verhältnisse der einzelnen Stämme und Staaten auf den verschiedenen Kulturstufen unter dem Gesichtspunkt der Anpassung. Diese ist dabei sowohl im Sinne der Auslese, d. h. des Verschwindens der weniger und des Ueberlebens der besser geeigneten Individuen, als im Sinne der aktiven Anpassung an das Milieu verstanden; und zwar handelt es sich weniger um körperliche als um geistige Eigenschaften, weniger um eine Anpassung an die Naturbedingungen, als um eine solche an die gesellige Natur des Menschen und den sozialen Charakter seiner Kultur: der Fortschritt, welcher durch die Anpassung zu Wege gebracht wird, besteht demgemäß in der zunehmenden Verdrängung feindlicher, kriegerischer Beziehungen zwischen den einzelnen Individuen und den einzelnen Gesellschaften durch solche von friedlichem Charakter. So tritt bei den Kriegen der primitiven Stämme an Stelle der Ausrottung der Besiegten allmählich die Sklaverei (Chap. V u. VI), während später die Kriege überhaupt durch die Vergrösserung der politischen Einheiten und die verbindenden wirtschaftlichen Interessen zurückgedrängt werden (Chap. VII); und innerhalb der primitiven Gesellschaft wird die Wildheit des Einzelnen durch die Organisation der Familie und des Clans wie die Ausbildung der Häuptlingsgewalt zunehmend gebändigt (Chap. IX), während auf höherer Stufe die Beziehungen zwischen der herrschenden und der unterworfenen Klasse allmählich humaner werden (Chap. X), und die Art, wie die erstere Klasse ihre Macht bethält, ähnliche Umwandlungen erleidet (Chap. XI). — Die Belege für seine Er-

örterungen entlehnt der Vf. theils der Geschichte, theils der Völkerkunde; das reiche Material der letzteren ist jedoch — eine Klage, die man den meisten soziologischen Werken gegenüber aussprechen muss — lange nicht in dem wünschenswerthen Umfange herangezogen. Auch huldigt der Vf. einer Neigung zum Schematisiren — die Entwicklung der Familienverhältnisse wie der politischen Zustände hat sich nach ihm überall nach demselben Schema vollzogen —, die leider heute noch sehr verbreitet ist, deren Verfehltheit aber die moderne Völkerkunde immer mehr aufdeckt.

Worin besteht nun die Bedeutung der ganzen Arbeit? Eine Fülle von Thatsachen unter einem einheitlichen Gesichtspunkt zusammenzufassen, dient zunächst stets dem Bedürfniss der Orientirung. Darüber hinaus aber erhebt der Vf. den Anspruch (S. LV) eine neue Theorie der menschlichen Gesellschaft vorzutragen, welche erstens die vorhandenen an Bedeutung übertrifft und zweitens neue Grundlagen für eine Rechts- und Staatsphilosophie bietet. In beiden Punkten vermögen wir ihm leider nicht beizustimmen. Von einer Theorie verlangen wir eine Aufklärung über die Ursachen der Erscheinungen. Eine solche enthält der Begriff der Anpassung aber nicht. Soweit er im Sinne der Auslese verstanden wird, unterrichtet er uns nur über die Wirkungen bestimmter Vorgänge, nicht aber über ihre Ursachen, weil der Gedanke an den Kampf ums Dasein dem Menschen bei seinen meisten Handlungen überhaupt nicht gegenwärtig ist; soweit es sich aber um die aktive Anpassung an das Milieu handelt, so ist dieser Ausdruck lediglich ein Sammelname für eine Reihe verwickelter Vorgänge von den mannichfachsten Ursachen. Den eigentlichen Mechanismus der Entwicklung der rechtlichen und politischen Zustände aufzudecken vermag die heute in der soziologischen Litteratur fast ausschliesslich herrschende abstrakte, deduktive Richtung überhaupt nicht; dazu bedarf es vielmehr einer eingehenden Zergliederung des reichen ethnographischen Materials, wie sie z. B. für die Frage der Entstehung des Rechtes mit grossem Erfolg von R. S. Steinmetz in seinem Buch: *Ethnologische Studien zur ersten Entwicklung der Strafe*, durchgeführt ist.

Das Buch fasst also, kurz gesagt, eine Fülle von Thatsachen unter einem Gesichtspunkt zusammen, der vorwiegend teleologischer Natur ist und den eigentlichen Ursachen des Geschehens ziemlich fremdartig gegenübersteht. Sein Hauptwerth besteht — ähnlich demjenigen der meisten soziologischen Werke — darin, dass es die modernen rechtlichen und politischen Zustände, deren Entwicklung die vorherrschende Betrachtungsweise höchstens bis auf das Alterthum zurückverfolgt, unter einer erweiterten Perspektive be-

Europa, die elenden Nester in den Bergen von León, Galizien mit Lugo und was in ihren Umgebungen liegt, verdienen wohl sachkundig und eingehend geschildert zu werden. Die beigelegte Karte der Touren, die der Vf. gemacht hat, ist in zu kleinem Maassstab und sehr wenig übersichtlich. Glücklicher Weise hatten die Gadows ausser einer vollständigen Zelteinrichtung, um im Freien zu kampieren, die aber nicht allzuoft benutzt worden ist, einen Kodak mit sich, mit dem sie einige zwar nur kleine, aber vortreffliche Aufnahmen gemacht haben. Ich wünschte nur, sie hätten noch viel mehr Glasplatten zur Verfügung gehabt. Tanarrio mit dem Hintergrund der Alpenkette und den Figuren des Bauern mit seiner Familie davor (S. 43); der Hof von Prudencios Haus in Tanarrio (S. 47), vor dem auch die weissbärtige kräftige Gestalt des Vf.s und die seiner Frau zu erkennen sind; die Ansicht des Hauses von vorn mit dem waldbigen Hintergrund (S. 50); der Ausritt zur Gamsenjagd (S. 73); dann vor Allem der Blick auf das Hochgebirge von Aliva (S. 76), die Ansicht von Portilla (S. 107) und viele andere sind von einer Schönheit, die sich nur mit dem Besten vergleichen lässt, was die neueste Kunst in der Landschaftsmalerei, z. B. die Segantinis, hervorgebracht hat. Die Bleistiftskizzen von Mrs. Gadow, die man daneben mit in den Kauf nehmen muss, sind von einer so unschuldigen Kindlichkeit — die ihrem Geschlechte schuldige Höflichkeit verbietet jeden anderen Ausdruck —, dass man besser über sie schweigt. Auch wollen wir mit dem Vf. nicht darüber rechten, dass seine Studien über die Geschichte der Länder und Völker, die er beschreibt, nicht sehr tief gehen (vgl. den bibliographischen Anhang S. 414), dass er ihre Sprache zwar für den täglichen Gebrauch ausreichend beherrscht, aber wo er sich auf Etymologien einlässt — und er thut es mit Vorliebe —, viele bedenkliche Lücken zeigt. Z. B. wenn er von dem Namen der prächtigen galicischen Fuhrleute, der Maragatos, die alte unsinnige Erklärung als Mauri capti wieder vorbringt (S. 178), oder den Namen der Stadt Lugo, *Lucus Augusta* (so!), mit dem keltischen *lug* und dem deutschen 'lügen' zusammestellt (S. 219). Ein kleingedruckter Anhang etymologischer Noten (S. 399—415) enthält neben manchen guten Bemerkungen vorherrschend Fragwürdiges. Seine kunstgeschichtlichen Kenntnisse sind ebenfalls nicht gross. Was er über die gothischen Bauten von León erzählt, ist sehr anfechtbar. Und wenn Hr. Justi in Bonn von Gemälden in den kleinen galicischen Städten wie Ponferrada liest, von denen 'einige' von Rafael seien (some by Rafael Urbino, S. 193), so wird er sich eines vergnügten Lächelns nicht erwähnen können. Der Vf. ist kein classical scholar und sollte es lieber auch nicht scheinen

wollen: der mons sacer Galiciens (S. 180), der mir gänzlich unbekannt ist, und der Fluss Bilbilis, der Bibey — soll heissen Bibalus, Bilbilis ist Calatayud — und Aehnliches wäre besser ungedruckt geblieben. Auch seine baskischen Parallelen (S. 120) und die Heranziehung arabischer Sitten (S. 122), die im hohen Norden Spaniens so gänzlich unwahrscheinlich sind, hätten wir ihm gern geschenkt. Aber bei seinem langen Aufenthalt in Spanien musste er wissen, dass 'Don Jimenez' (S. 180) das Ohr eines Kenners des Spanischen gerade so angenehm berührt wie etwa 'Sir Scott' das eines Engländer. Auch die Unform *san*, für *son*, dritte Pluralis des Verbum Substantiae, kehrt in bedenklicher, Druckfehler fast ausschliessender Häufigkeit wieder.

Allein genug der kleinen und grossen Ausstellungen, die an dem Buch zu machen sind. Der Vf. und seine Gattin, beide, haben offenen Sinn für die Schönheit der Landschaft, in der sie sich bewegen, und, was man so selten findet, ein Herz für das arme Volk, das darin lebt. Seine Beschränktheit und Ruhmredigkeit, seine plumpe Bauernlist und die von der Armuth erzeugten Schliche um kärglichen Erwerb, die vereinzelten Versuche, den wohlhabenden Fremden auszubeuten neben der weit überwiegenden guthmüthigen Ehrlichkeit und hilfsbereiten Treue, seine aufopfernde Vaterlandsliebe, trotz der harren Steuern an Geld und Blut für den Krieg in Cuba, seine liebenswürdige Genügsamkeit treten in anschaulichen Schilderungen hervor. Seit Richard Ford, den der Vf. kennt, und dessen unvergleichlichem Wissen er dankbare Anerkennung zollt, hat Niemand, so weit mir bekannt ist, mit den niederen Schichten des Volkes in jenen Gegenden so intim und verständnissvoll verkehrt, wie der Vf. Dafür, und für seine genaue Beobachtung auch des Kleinsten, wie z. B. der Tischkarte eines kleinen Logierhauses und seiner knoblauchgewürzten Gerichte (S. 196), werden ihm die Leser dankbar sein, die dergleichen anziehende Details und ihre kulturgeschichtliche Bedeutung zu schätzen wissen. Dass ihm zuweilen die Geduld ausgegangen ist, wie bei der Schilderung der Gallegos und ihrer nur durch Grobheit zu überwindenden faulen Ungefälligkeit (S. 215), nimmt nicht Wunder. Ein so langer Aufenthalt in halber oder ganzer Barbarei erfordert ein Maass von Langmuth und Geduld, das unter allen Umständen Bewunderung verdient. Selbst die zuweilen im echtesten Ton der Jagdgeschichten gehaltenen Berichte über Gamsenjagden in den cantabrischen Gebirgen (wie S. 59 ff.) tragen so vorherrschend den Erdgeruch der Wirklichkeit an sich, dass man sie in des Vf.s fliessendem, aber keineswegs gewähltem Englisch mit Vergnügen und vielfältiger Belehrung liest. Dankenswerth sind endlich die Mittheilungen über einige Dolmen in der Provinz

nerar Kaiser Heinrichs VII. einzubeziehen, weil gerade der Römerzug dieses Herrschers sich an der Hand der Hofhaltsrechnungen und der auf Balduin von Trier zurückgehenden Quellen ausserordentlich genau verfolgen lässt.

Diesen Quellen hat L. in seinem Buche eine besondere Untersuchung gewidmet, und auch sonst hat er von den überlieferten Nachrichten den sorgsamsten Gebrauch gemacht. Vom Standpunkt der Quellenkritik werden daher gegen L.s Arbeit kaum sehr erhebliche Einwendungen vorgebracht werden können, und insoferne dürften auch die am Schlusse sehr übersichtlich und vorsichtig zusammengefassten Ergebnisse in der Hauptsache unangefochten bleiben.

Der Nachprüfung und Verbesserung scheint L.s Arbeit weit mehr in geographischer als in historischer Hinsicht zu bedürfen. Die Berechnung der Reiseschnelligkeit hat eine richtige Veranschlagung der zurückzulegenden Wege zur Voraussetzung, und in diesem Punkte ist L. hinter den berechtigten Erwartungen leider zurückgeblieben. Sehen wir von den die Küsten begleitenden Seefahrten ab, so hat L. sich nur bei einigen italienischen Strecken und bei den meistbenützten Alpenübergängen die Mühe genommen, die wirkliche Strassenlänge zu messen, im Uebriegen hat er sich fast durchwegs mit der in der Luftlinie gemessenen direkten Distanz der betreffenden Orte begnügt. Indem L. dieses summarische Verfahren auch für Mittel- und Süddeutschland anwandte, wo doch Höhenzüge und Flussläufe die Strassen zu sehr bedeutenden Abweichungen von der geraden Linie zwingen, hat er auf die Erreichung genauer Maasse für die Reisegeschwindigkeit in diesen Gegenden eigentlich von vornehmerein Verzicht geleistet. Es ist ja richtig, dass die Kenntniss der mittelalterlichen Strassen noch vielfach zu wünschen übrig lässt, und dass die Unbeständigkeit des Strassengeleises es erschwert, genaue Messungen der Strassenlänge vorzunehmen. Aber die Hauptzüge der alten Verkehrswege sind so weit bekannt, dass es dem Vf. nicht schwer geworden wäre, an Stelle der oft recht willkürlich abgerundeten Luftlinie (vgl. S. 17 Augsburg-Lutter 430 statt 400 km) die wirklich zurückgelegte Entfernung mit annähernder Genauigkeit einzusetzen. Wie gross die Unterschiede sind, um die es sich hierbei handelt, mögen folgende Beispiele zeigen. L. rechnet S. 18 die Strecke von Konstanz bis Würzburg mit 250 km, die Luftlinie beträgt ca. 245, die Strassenlänge aber mindestens 310 km. S. 19 wird die Entfernung von Nürnberg nach Pilsen mit 170 km angegeben, in Wirklichkeit waren mindestens 210 km zurückzulegen. Aehnlich verhält es sich etwa mit den von L. benutzten Maassen für die Strecken Würzburg-Frankfurt (S. 20), Selz-Ulm (S. 32), Braunschweig-Würzburg (S. 47) und bei der — rich-

tiger Weise zu den Alpenübergängen zu zählenden — Reise Wolfgers von Wiener Neustadt bis Gemona (S. 102). In allen diesen und zahlreichen anderen Fällen wäre L. der Wahrheit weit näher gekommen, wenn er anstatt der Luftlinie die Länge der gegenwärtig die Verbindung der betreffenden Orte besorgenden Strassen berechnet hätte. Erst wenn auf diese Weise die Ansätze L.s im Detail nachgerechnet und ergänzt sein werden, kann die Forschung ein befriedigendes und abschliessendes Urtheil über die Reisegeschwindigkeit des M.-A.s fällen; ohne Zweifel wird die Schlussrechnung sich dann vielfach höher stellen als bei L., und es dürfte wohl auch der Grund wegfallen, ausserordentliche Leistungen, wie jene Friedrichs I. im März 1168 als unwahrscheinlich oder gar als physisch unmöglich hinzustellen.

Wien.

Wilhelm Erben.

Geographie, Länder- und Völkerkunde.

Hans Gadow, In Northern Spain. London, Adam & Charles Black, 1897. XVI u. 421 S. 8° mit 1 Karte u. 89 Abbild. Sh. 30.

Ein deutscher Gelehrter, Mann der Naturwissenschaft, besonders der Botanik, Geologie und Mineralogie, wie es scheint, der lange in Spanien und im südlichen Portugal gelebt hat, wie mir durch allerlei von dorther gekommene Mittheilungen bekannt ist, beschreibt in englischer Sprache Wanderungen durch Theile des nördlichen und nordwestlichen Spaniens, die er vor einigen Jahren im Spätsommer und Herbst mit seiner Frau zusammen gemacht hat. Er stammt aus Pommern (vgl. S. 96); und die Liebe zur Heimath bricht durch, wenn er, freilich nicht gerade glücklich, in dem spanischen Wort *orrios*, d. i. *horrea*, suebischen Ursprung sieht und die schwäbischen Heuschober vergleicht (S. 111), deutsche Redensarten gebraucht (S. 79) oder bei Gelegenheit der spanischen serenos den allbekannten Spruch der deutschen Nachtwächter anführt (S. 190), oder in spanischen Trachten Aehnlichkeit mit südschwedischen — ‘den reinsten gothischen’ (?) — und schwäbischen findet (S. 131). Aber er lebt in England — die Vorrede ist in der Castell Farm bei Beddgelert geschrieben am 28. August — an Goethes Geburtstag dachte er wohl nicht — 1897; das ewig Weibliche scheint es ihm angethan und ihn zum halben Engländer gemacht zu haben, wie so manche unserer gelehrt und ungelehrten Landsleute in dem herrlichen Lande. Die Gegenden von Spanien, die das Ehepaar besucht hat, liegen weit ab von der grossen Strasse der Touristen und sind so gut wie unbekannt. Jeder, auch noch so unvollkommene oder unzulängliche Bericht über sie ist lehrreich und willkommen. Cantabrien und Asturien, der Devapass, die Picos de

Separatabdruck.

Deutsche Rundschau.

Herausgegeben

von

Julius Rodenberg.

Vierundzwanziger Jahrgang. Heft 12. — September 1898.

Spanien im Lichte der Weltliteratur.

von

E. Hübner.

Berlin.

Verlag von Gebrüder Paetel.

Deutsche Rundschau.

Herausgegeben von Julius Rodenberg. — Verlag von Gebrüder Paetel in Berlin.
Erscheint in Monatsheften von 10 Bogen = 160 Seiten gr. 8° am Ersten eines jeden
Monats; der Eintritt in das Abonnement kann mit jedem Heft erfolgen.

Abonnements-Aufträge übernehmen sämtliche Buchhandlungen des In- und Aus-
landes, sowie jedes Postamt und die unterzeichnete Expedition.

Probe-Heft sendet jede Buchhandlung zur Ansicht; dieselben sind auch gegen Ein-
sendung von 20 Pfennig in Briefmarken gratis von der Expedition zu erhalten.

Insertions-Aufträge werden von den bekannten Annoncen-Expeditionen zum Original-
preise, sowie von der unterzeichneten Expedition entgegengenommen.

Abonnementspreis:

Vierteljährlich 6 Mark.
(Preisliste des Kaiserlichen Postzeitungs-
amtes pro 1898 Nr. 1877.)

Von der Expedition direkt unter Kreuz-
band bezogen:

Vierteljährlich 6 Mark 20 Pfennig in
Deutschland und Österreich-Ungarn, im
Weltpostverein 7 Mark 20 Pf.

Insertionspreis:

40 Pfennig für die 3=gespaltene Nonpareille-Zeile.
1/12 Seite 10 Mark.
1/6 " 18 "
1/4 " 25 "
1/3 " 34 "
1/2 " 50 "
1 " 80 "

Die Expedition der „Deutschen Rundschau“

Gebrüder Paetel (Elwin Paetel)
in Berlin W., Lützowstraße 7.

Inhalts-Verzeichniß.

September 1898.

	Seite
I. Fürst Bismarck	321
II. Der Sitter. Novelle von Alce Grapan	325
III. Spanien im Lichte der Weltliteratur. Von E. Hübner	363
IV. Baden im alten Bund und neuen Reich. Zur Erinnerung an Julius Jolly. Von Adolf Hausrath. X. (Schluß)	386
V. Barathustra. Von Hermann Oldenberg	402
VI. Die moderne Erdbebenforschung. Von Georg Gerland	438
VII. Otto Ribbeck. Von Wilhelm Dilthey	450
VIII. Sebastian Hensel. † 13. Januar 1898. Ein Gedenkblatt. Von L. Friedlaender	455
IX. Politische Rundschau	464
X. Neuere Brahms-Literatur. Von Walter Paetow	470
XI. Zum 24. Juni 1898	474
XII. „Aus der preußischen Hofgesellschaft“	475
XIII. Literarische Notizen	476
XIV. Literarische Neuigkeiten	480
XV. Inserate.	

Dringend

wird ersucht, alle zur Besprechung in dieser Zeitschrift bestimmten Verlagswerke nicht an den Herausgeber persönlich oder in dessen Privatwohnung zu senden, sondern ausschließlich und allein

An die Redaction der „Deutschen Rundschau“,

Berlin W., Lützowstr. 7.

Eine Besprechung unverlangt eingesandter Bücher kann nicht gewährleistet werden, doch wird jede Neuigkeit ihrem vollen Titel nach — unter Hinzufügung der Verlagsfirma, des Verlagsortes &c. — nach Eingang in der monatlichen Bibliographie aufgeführt.

Manuscripte bitten wir nur nach vorhergegangener Anfrage einzuschicken und das Rückporto beizufügen.

Spanien im Lichte der Weltliteratur.

Von
E. Hübner.

A. H. P.
HUESCA

[Nachdruck untersagt.]

Weniger als für irgend einen der alten Culturstaten genügt für Spanien eine Reise in das Land, um sich ein wirkliches Bild davon zu machen. Von dem Besuch durch Reisende aller Art, von den zufälligen und bloß neugierigen bis hinauf zu den ernsthaft wissbegierigen, ist es freilich von Alters her so wenig verschont geblieben wie die anderen Länder Europa's. Allerdings werden Reisende von Beruf jetzt fast nur noch von den außereuropäischen Reisezielen angezogen, die immer mannigfaltiger und immer leichter erreichbar werden. Aber trotzdem ist auch an den näher liegenden in Europa das Interesse keineswegs erschöpft oder im Abnehmen begriffen. Wenig genug gehört dazu, um die abgespannten Nerven der Großstädter zu reizen oder den Strom immer weiterer Schichten des Mittelstandes nach neuen Zielen zu lenken. Die bequemen und billigen Gelegenheiten, die Saison- und Rundreisekarten, die Gesellschaftsreisen, die Excursionsdampfer thun das Uebrige. Escheint dann ein „Baedeker“, wie schon vor mehreren Jahren für den Orient, für Griechenland, Aegypten, Palästina und Syrien, so hält sich jeder, der es bezahlen kann, für berechtigt und hinreichend ausgerüstet, um mit dem nächsten internationalen Schnellzug die Fahrt in das Land anzutreten, das ihm bis dahin nur aus dem Unterricht in der Geographie oder aus Zeitungsnachrichten bekannt war. Dass auch auf solchen Reisen über den oberflächlichen Zeitvertreib hinaus Manches gelernt, die Anschauungen erweitert, das Urtheil über politische und wirtschaftliche Fragen geläutert wird, soll nicht bestritten werden. Es ist ähnlich wie mit dem Besuch der Kunst- und wissenschaftlichen Sammlungen. Von der unverstandenen Menge der Erscheinungen, die an dem blöden Blick der Massen vorübergleiten, bleibt doch hin und wieder ein richtiger Eindruck, eine fördernde Erkenntnis hängen. Aber das Meiste zieht vorüber wie eine bunte Wandeldekoration, jedes nächste Bild verwischt das vorhergehende. Als Ergebnis des Ganzen bleibt ein vom Zufall und äusseren Umständen, von der Kunst des Wetters und der Art der Reisegesellschaft abhängiger Gesamteindruck, je nach dem Temperament bei dem einen vorwiegend günstig, bei dem anderen das gerade Gegentheil, der diesem dann als unumstößliche Wahrheit gilt. Denn

der ihn mitbrachte ist ja da gewesen, hat Alles selbst gesehen und kann nun dreist seine Erfahrungen anderen als maßgebend aufzwingen. Es braucht nur an die Verschiedenheit der Urtheile erinnert zu werden, die selbst von Gebildeten alljährlich aus der Schweiz, aus Italien mitgebracht werden, Ländern, die seit Jahrhunderten bereist, in allen Einzelheiten beschrieben, nach allen Seiten hin besprochen worden sind.

Nach langen Vorbereitungen ist jüngst der sehnlich erwartete „Baedeker“ auch für Spanien und Portugal erschienen¹⁾. Neben die Vorzüge, wie über die Fehler und Mängel des Buches habe ich mich an einem anderen Orte ausgesprochen²⁾. Die Einrichtung der Baedeker'schen Handbücher ist so bekannt und bewährt, daß, wer eines kennt, mit Zuversicht sich jedes neuen bedient. Die übersichtliche Anordnung, die praktischen Winke, die genaue Beschreibung aller Dertlichkeiten und Wege, nicht zuletzt die vortrefflichen Karten und Pläne darin werden es bald zum unentbehrlichen Begleiter aller wissbegierigen Reisenden machen. Daß große Theile der Halbinsel, Asturien und Galizien, das westliche Andalusien und Algarve sowie die Balearischen Inseln darin vorläufig ganz übergegangen sind — für spätere Auflagen werden sie versprochen —, wird nicht daran hindern, daß sich mit seiner Hülfe nach und nach auch für diese unter den europäischen Ländern am wenigsten besuchten die genauere Bekanntheit verbreitet und das Urtheil klärt. Die Hülfe, die es dafür bietet, kommt zu gelegener Zeit. Denn der unverkennbare politische und wirtschaftliche Aufschwung, den das Land in den letzten dreißig Jahren genommen hat, nachdem die Bürgerkriege und die inneren Krisen nach und nach zum Abschluß gekommen sind, ist im Begriff, auf die härteste Probe gestellt zu werden. Die größte und werthvollste der ihm aus dem früheren Besitz noch gebliebenen Colonien, Cuba, droht den Weg Mexiko's, der centralamerikanischen Staaten, Chile's, Argentiniens und der übrigen Länder und Inseln spanischer Zunge in Amerika zu gehen. Er wird vielleicht wie in jenen erst nach langer Entwicklungskrankheit zu gesunder Selbständigkeit führen. In den schönsten der spanischen Colonien, den philippinischen Inseln, sind die Versuche der eingeborenen Bevölkerung, einen bescheidenen Grad von Selbstverwaltung zu erlangen und die geistliche Herrschaft abzuschütteln, erst in ihren Anfängen wie aus den jüngst in dieser Zeitschrift gegebenen Schilderungen hervorgeht³⁾. Jetzt stehen mit Cuba auch die philippinischen Inseln auf dem Spiel; mit verhaltem Atem verfolgen die Deutschen in Manila und die Vertreter ihrer weitverzweigten Interessen in Europa die Anschläge der amerikanischen Union auf den kostbaren Besitz jenes reichen, von der Natur ganz besonders begünstigten Archipels.

¹⁾ Spanien und Portugal, Handbuch für Reisende. Von K. Baedeker. Mit 6 Karten, 31 Plänen und 11 Grundrissen. Leipzig, Karl Baedeker. 1897. Auch eine englische Uebersetzung ist inzwischen erschienen.

²⁾ Deutsche Literaturzeitung 1897, S. 1821.

³⁾ Jacobo Zobel de Zangróniz. Ein Lebensbild aus der jüngsten Vergangenheit der philippinischen Inseln. Deutsche Rundschau, 1897, Bd. LXXX, S. 420 ff. und Bd. LXXXI, S. 35 ff.

1. Reisewerke.

An Beschreibungen und Reisen ist für Spanien nicht solcher Ueberfluß vorhanden wie für Italien. Aber die jüngst veröffentlichte Bibliographie der Reisen in Spanien und Portugal vom zehnten Jahrhundert bis zum Jahre 1895 von einem französischen Kenner und Lehrer des Spanischen bringt es auf 858 Artikel; und dabei ist sie keineswegs vollständig¹⁾. Abgesehen von den älteren historisch wichtigen Reisebeschreibungen des Deutschen Georg von Chingen (1457), des Böhmen Leo von Rozmital (1466), des Polen Nikolaus von Popplau (1484), des Erich Lassota von Steblau (1580), sowie verschiedener Italiener, besonders Venezianer im sechzehnten Jahrhundert, meist politischer Gesandten, wie Andrea Navagiero (1525), und abgesehen von den Reisen fürstlicher Personen und ihren amtlichen Beschreibungen, beginnen schon mit dem Jahr 1600 die Reisebeschreibungen spanischer, deutscher, französischer, englischer Autoren, die den allgemeinen Zweck geographischer und statistischer Belehrung verfolgen. Unter den Reisen Einer im eigenen Lande ragen hervor im vorigen Jahrhundert Ponz und Villanueva durch die Fülle von thaträlichen Mittheilungen künstlerischen und wissenschaftlichen Inhaltes, in unserem durch die Zahl ihrer Bände die verschiedenen Verfasser der „Erinnerungen und Schönheiten“ Spaniens²⁾. Auch hat die spanische Regierung nicht unterlassen, für die Erhaltung und die Kenntnis der hauptsächlichsten Werke der Kunst zu sorgen. In zwei großen Denkmälerwerken, den sechs prachtvoll ausgestatteten Foliobönden größten Formats der „Architektonischen Denkmäler Spaniens“ und in den elf etwas kleineren des „Spanischen Museums der Alterthümer“, ist eine Fülle der verschiedenartigsten Kunstwerke in meist vortrefflicher Weise zur Anschauung gebracht. Die geographisch-statistischen Sammelwerke von Madoz (16 Bände, Madrid 1845—1850) und R. del Castillo (4 Bände, Barcelona 1889—1893) umfassen einen großen, aber nicht überall gesichteten Stoff.

Die gelehrten Reisen von Deutschen beginnen gegen das Ende des achtzehnten Jahrhunderts. Blüher (1784), Volkmann (1785), Fischer (1797) gehen voran. Link, unser trefflicher Botaniker — nur wenige Berliner wissen wohl noch, daß nach ihm die Linkstraße ihren Namen führt —, behauptet durch seine in den Jahren 1797 bis 1800 ausgeführte Reise nach Spanien und Portugal noch heute eine angesehene Stelle unter allen seinen Vorgängern und Nachfolgern. Auch Philipp Joseph von Rehfuß, der spätere erste Curator der Universität Bonn, hat in seinem zuerst französisch, von Guizot übersetzten, dann deutsch erschienenen Werk „Spanien nach eigener Ansicht im Jahre 1808“ (vier Bände von zusammen 1400 Seiten) die Hauptstadt und den Weg zu ihr von der französischen Grenze in sorgfältiger, immer noch lehrreicher Weise beschrieben. Unter den übrigen deutschen Reisenden stehen Wilhelm von Humboldt, Victor

¹⁾ R. Foulché-Delbosc, Bibliographie des Voyages en Espagne et en Portugal. Paris 1896. Einige Nachträge von mir in der „Deutschen Literaturzeitung“ 1898, S. 25; weitere gaben A. Coelho in Lissabon, J. M. Macaná in Madrid, A. Farinelli in Innsbruck.

²⁾ Das Werk heißt in der neuesten Bearbeitung „Spanien und seine Denkmäler u. s. w.“, und umfaßt bereits über zwanzig Bände, Barcelona 1884—1889, mit Meissenbach'schen Photogravuren.

Amadeus Huber und Moritz Willkomm allen übrigen weit voran. Wilhelm von Humboldt hat, als er, der Enge der Heimath müde, um große und neue Eindrücke in sich aufzunehmen, im Jahre 1799 mit seiner Familie von Paris aus die Reise nach Spanien antrat, alle seine Gedanken und Eindrücke wie in ununterbrochener Gewohnheit des Zusammenseins an Goethe gerichtet. Was es hieß, damals im Reisewagen mit Frau und kleinen Kindern dies Land zu bereisen, werden wohl seine erhaltenen Briefe lehren, wenn sie dereinst einmal aus ihrem Tegeler Gewahrsam ans Licht treten. Bisher liegen erste einzelne Stücke von dem vor, was er damals niederschrieb: der Aufsatz über den Monferrat, der über die baskischen Provinzen und der jüngst erst herausgegebene über das römische Theater von Sagunt¹⁾. Ihre umständliche Gründlichkeit entspricht nicht mehr dem, was wir jetzt von Reiseschilderungen erwarten. Aber gäbe es nur mehr ihresgleichen; sie stellen unsere Anschauungen auf eine solide Grundlage von bleibendem Werth. Sehr viel später, als ihn seine sprachwissenschaftlichen Studien auf das Baskische geführt hatten, schuf er in einer berühmten Schrift die noch heute gültige Auffassung von der frühesten ethnographischen Entwicklung der Halbinsel²⁾.

Victor Amadeus Huber, bekannt durch die socialpolitischen Arbeiten seiner späteren Lebenszeit, die er auf seiner Besitzung bei Wernigerode verbrachte, in seiner Jugend ein eifriger Förderer des Studiums der romanischen Literaturen, hat in seinen Spanien gewidmeten novellistischen Erzählungen³⁾, die mit Utrecht jetzt vergessen sind, das Land und seine Bewohner, die er in den Jahren 1821—1823 kennen gelernt hatte, in lebenswahren Farben zu malen verstanden. Mit geschickter Benutzung von selbst Gesehenem und von Anderen Erfundenem hat er, nicht überall gleichmäßig wahr, aber im Ganzen noch heute zutreffend den Charakter des Volkes mit seinen tiefen Schatten und grellen Lichtern geschildert. Seine Gestalten prägen sich, wie die Werke echter Dichtung, dem Gedächtniß ein; wer ihn gelesen, kommt wohl vorbereitet nach Spanien.

Moritz Willkomm, der verstorbene Prager Botaniker, hat außer in seinen fachwissenschaftlichen Werken in einer Reihe von Reiseschilderungen⁴⁾ Land und Leute vieler Theile der Halbinsel mit der begeisterten Liebe des

¹⁾ Die beiden ersten in den Gesammelten Werken, Bd. III (Berlin 1843), S. 173 ff., der letzte in den von A. Leizmann herausgegebenen sechs ungedruckten Aufsätzen über das classische Alterthum (Leipzig 1896), S. 67 ff. Soeben hat A. Farinelli in Innsbruck uns mit einer umfassenden Studie, Guillaume de Humboldt et l'Espagne, avec un appendice sur Goethe et l'Espagne, Paris 1898 (Extrait de la Revue Hispanique, Tome V), beschient. Ich bedanke darauf eingehend zurückzukommen.

²⁾ Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens vermittelst der baskischen Sprache (1821). Gesammelte Werke, Bd. II, S. 1 ff. Berlin 1841.

³⁾ Skizzen aus Spanien. Vier Theile. Göttingen 1828—1835. Nur vom ersten Theile erschien, so viel ich weiß, 1845 eine zweite Ausgabe.

⁴⁾ Zwei Jahre in Spanien und Portugal. Drei Bände. Leipzig 1847. Zweite Ausgabe 1856.—Wanderungen durch die nordöstlichen und centralen Provinzen Spaniens. Zwei Bände. Leipzig 1852.—Die pyrenäische Halbinsel. Leipzig 1856.—Spanien und die Balearen. Berlin 1876.—Aus den Hochgebirgen von Granada. Wien 1882.

intimen Kanners beschrieben. Man verzeiht dem trefflichen Mann gern die etwas umständliche und pedantische Gelehrsamkeit, von der seine Bücher triefen. Auch das rosenfarbene Licht, in dem er beinahe alles gesehen hat, bedarf einiger Dämpfung. Aber es bleibt der Eindruck, daß man es in ihm überall mit einem Manne von aufrichtigster Wahrheitsliebe und oft überquellender Herzengüte zu thun hat.

Unter der nicht geringen Zahl späterer deutscher Reisenden ragen nur wenige über das Durchschnittsmäß flüchtiger Beobachtung hinaus. An erster Stelle Carl Otto Ludwig von Arnim (1838), obgleich seine Schilderungen, die zu ihrer Zeit Aufsehen machten, den Titel „flüchtige Bemerkungen eines flüchtig Reisenden“ führen. Zu der gleichen Richtung vielseitig gebildeter und geistreicher Beobachter gehören die Politiker Baron von Baerst (1844), A. L. von Rochau (1845), Julius von Minutoli (1854), die Kunstmfreunde J. G. von Quandt (1850) und A. von Wolzogen (1857), der Botaniker Rossmässler (1854), unser Historiker Wattenbach (1886). Sie haben hier und da einen Blick in verschiedene Seiten des Volkslebens gethan. Aber sie sind nur auf der großen Heerstraße des Allbekannten gewandelt; Neues wird ihren Aufzeichnungen nicht verdankt. Viel tiefer in das Wesen des Landes und die Seele des Volkes eingedrungen sind die sämmtlich durch Talent und Charakter hervorragenden preußischen Offiziere, die ihre Dienste mit ritterlicher Hingabeung der Sache des Rechtes gewidmet haben, das heißt dem Don Carlos. Es gehört zu den Anomalien der neuesten politischen Entwicklung Spaniens wie Portugals, daß Fortschritt und Aufklärung, die constitutionelle Monarchie, ihre Voraussetzungen und Folgen nur durch den offenbarsten Rechtsbruch überhaupt möglich geworden sind. Niemand hat das schöner, wärmer und lebendiger empfunden und ausgedrückt als der vortreffliche General von Goeben, der nicht bloß ein ausgezeichneter Strateg, sondern, wie jene früheren und die jüngst bekannt gewordenen Aufzeichnungen aus dem französischen Kriege zeigen, zugleich ein Mann von einer fast dichterischen Feinfühligkeit des Empfindens war, ein Ritter ohne Furcht und Tadel im vollsten Sinne des Wortes. Sein Buch „Vier Jahre in Spanien“ (Hannover 1841), worin er den Carlistenkrieg schildert, den die Spanier ihren siebenjährigen Krieg nennen (1833—1840), stellt ihn unbedingt in die erste Reihe der Kenner des Landes. Als solcher hat er im Jahre 1860 noch einmal an der Spitze einer Abordnung jüngerer Offiziere, damals Oberst, Odonnell's und Prim's Feldzug gegen Marocco mitgemacht und diesen ersten Aufschwung des militärischen Geistes im Lande einem auswärtigen Feind gegenüber mit aufrichtiger Theilnahme begleitet für den, wenn auch nicht überwältigenden Erfolg und mit schonender Milde für viele Fehler der Führung, bei uneingeschränktem Lob der ihm längst bekannten vortrefflichen Haltung der Truppen; wie er in einem zweiten Reisewerk mit anschaulicher Lebendigkeit und voll soldatischer Freude erzählt¹⁾. Seinen Aufzeichnungen sind die denselben kämpfen gewidmeten seines damaligen Vorgesetzten, des Generals W. von Rahden, gefolgt (1851 und 1859), sowie die den Halbinselkrieg betreffenden des Generals Heinrich von Brandt (1869).

¹⁾ Reise- und Lagerbriefe aus Spanien. Zwei Bände. Hannover 1863.

Zu dem Besten, was über Spanien geschrieben worden ist, gehören die wenigen Seiten, die der Feldmarschall Graf Moltke in seinem „Wanderbuch“ dem kurzen Besuch des Landes gewidmet hat, den er im Jahr 1846 auf der Rückkehr von Rom im Fluge ihm abstatte konnte. In gewisser Weise reihen sich ihnen endlich die Reiseerinnerungen des bekannten militärischen Diplomaten Theodor von Bernhardi an (1886). Sie behandeln die denkwürdigen Vorgänge, die zur Erhebung und zum Sturz des savoyischen Prinzen geführt haben, den der unüberlegte Leichtsinn der liberalen Partei in jene unmögliche Lage versetzt hatte, und zu der Thronkandidatur des Prinzen von Hohenzollern und da mit zu dem großen Krieg von 1870. Aber selbst dem überaus schlauen Beobachter ist es hier nicht so wie in Italien gelungen, hinter die eigentlichen Gründe jener Vorgänge und ihre Leiter zu kommen. Er war nicht hinreichend vorbereitet und das Feld auch für seinen vielerproben Scharfsinn zu neu.

Damit ist eigentlich erschöpft, was von Deutschen für Spaniens Kenntnis durch Reisen geleistet wurde. Denn der Caplanwitz von Alban Stolz (1853), obgleich sein oft gänzlich zielloses Gerede — er vertheidigt unter Anderem die Stiergefechte! — es bis zu einer achten Auflage gebracht hat (Freiburg i. B. 1885), und die in ähnlichem Sinn geschriebenen Expectorationen des Katholiken Lorinser (Regensburg 1855 und 1858) und des Protestantten Baumstark (Regensburg 1867 und 1869) verdienen kaum ernsthaft genommen zu werden. In ihren Köpfen malt sich das Bild des Landes in schiefen Beleuchtung; doch fehlt es ihnen nicht ganz an congenialem Verständniß für manche Seiten des Volkscharakters. Fast noch weniger ist aus den Büchern berufsmäßiger Zeitungsberichterstatter zu gewinnen, obgleich sie zum Theil von Trägern populärer Namen herrühren, wie Hackländer (1855), Wachenhusen (1856/57), G. Rasch (1869), Laufer (1872 und 1881), W. Mohr (1876). Neben das Buch des Zuletztgenannten, der als Berichterstatter der Kölnischen Zeitung den Karlistenkrieg von 1874 geschildert hat, in dem der unglückliche Hauptmann Schmidt fälschlich wurde, habe ich vor Jahren mein Urtheil ausführlich begründet¹⁾. Den berufsmäßigen Berichterstattern sind in den letzten dreißig Jahren über zweihundert Liebhaber und Liebhaberinnen gefolgt. — eine ungenannte „Sechzigerin“ (1861), Bettina Ringseis (1875), und Rosa von Gerold (1879) sind darunter —, deren leichte Skizzen, Frühlingsstage und Erinnerungen aller Art, für den Augenblick geschrieben und mit ihm vergessen sind. Foulché-Delbosc hat sie höchst vollständig verzeichnet. Ich habe sie nach Möglichkeit verfolgt und hier und da genauer angesehen, zuweilen um scharfe Mißbilligung schiefen Auffassungen und oberflächlicher Urtheile daran zu knüpfen²⁾. Neben einige von diesen deutschen Büchern, bis zum Anfang der siebziger Jahre, gibt es an ganz vergessener und schwer zugänglicher Stelle einen eingehenden und sehr verständigen Bericht von dem portugiesischen Kunstsorcher Joaquim de Vasconcellos in Porto, dem Gemahl unserer gelehrt Landsmännin Caroline

¹⁾ In der Jenaer Literaturzeitung von 1877, S. 542.

²⁾ S. B. über die Schriften eines Herrn H. Parlow. Deutsche Literaturzeitung 1888, S. 1892.

line Michaëlis-Vasconcellos¹⁾. Es fehlt in ihnen nicht an einzelnen höchst verschrobenen Ansichten; wie wenn z. B. ein ostpreußischer Reisender (L. Passarge, 1884) die Entdeckung macht, daß die Spanier das den Deutschen ähnliche Volk in Europa seien! Wenn Wilhelm von Humboldt zu bemerken glaubte, daß unter den südeuropäischen Völkern die Spanier bei aller Verschiedenheit einige uns ähnliche Charaktereigenschaften besäßen, so ist das natürlich ganz etwas anderes. Die Verfasser jener Bücher zeichnen sich fast durchgehends dadurch aus, daß keiner seine Vorgänger kennt oder auch nur ahnt, daß es solche gibt. Auch haben viele die schlechte Angewohnheit, die im Verkehr mit Wirthen, Lohndienern, Kellnern und Kutschern aufgelesenen Phrasen im Urtext anzubringen, ohne damit ihre meist völlige Unwissenheit auf sprachlichem Gebiet verdecken zu können. Im Großen und Ganzen aber stehen diese Schriften zwar an Zahl beträchtlich, an Bedeutung jedoch nur wenig denen nach, die gleichzeitig von französischen und englischen Verfassern ausgegangen sind. Alle verzeichnen sie, Moltke und Goeben eingeschlossen, einen vorwiegend günstigen Eindruck von Land und Leuten.

Frankreich hat von jeher durch seine Nähe und die uralten politischen Beziehungen in erster Linie die Bekanntschaft mit Spanien vermittelt. Die Nordabhänge der Pyrenäen, durch die stammesgleichen baskischen Urbewohner mit Spanien eng verbunden, haben auf der westlichen aquitanischen Seite in Arnaldus Oihenart, auf der östlichen, der Provence, durch den bischöflichen Diplomaten Pierre Marca eine in ihrer Weise classische Beschreibung gefunden²⁾. Der Letztgenannte bereiste und beschrieb das Grenzland in Richelieu's Auftrag behufs der Festsetzung der neuen Landsgrenze, nachdem der unglückliche Philipp IV. durch des Grafen von Olivares unheilvolle Politik sich in dem pyrenäischen Frieden von 1659 dazu verstehen mußte, die altspanische Grafschaft Roussillon mit Perpignan und Béziers an Frankreich abzutreten. Die alten und neuen Zwischenheirathen der spanischen und der französischen Könige haben wiederholt französische Diplomaten und Diplomatinnen nach Spanien geführt; wir danken ihrem Aufenthalt jenseits der Pyrenäen wertvolle, zum Theil höchst pikante Aufzeichnungen und Memoiren. Durch Frankreichs Vermittelung hat die picareske Literatur der Lazarillo de Tormes und der Gil Blas ihren Triumphzug durch Europa gehalten. Auch der unsterbliche Ritter von der traurigen Gestalt ist bei uns zuerst in französischem Gewande bewundert worden. Seit Voltaire den berühmten und oft wiederholten Ausspruch gethan hat, daß es jenseits der Pyrenäen un million de prêtres gebe, mais pas un cuisinier, und ihm später der, wie es scheint, nicht auf einen bestimmten Autor zurückzuführende gefolgt ist, daß Afrika gleich jenseits der Pyrenäen beginne, hat es nie an französischen Reisenden gefehlt, die Spanien ihren Landsleuten lebendig, aber stets etwas farbstiftisch zu schildern

¹⁾ In Adolfo Coelho's *Hagiographia critica*, von der nur ein Band erschienen ist in Porto 1873—1875, S. 276—302.

²⁾ Arnaldus Oihenart, *Notitia utriusque Vasconiae*. Paris 1638. 4. — Petrus de Marca, *Marca Hispanica*. Herausgegeben von Valuze, dem berühmten Urkunden-sammler. Paris 1688. Fol.

unternommen haben. Ich hebe aus der großen Zahl von 313 französischen Reisebeschreibungen, die Foulché-Delbosc verzeichnet, nur drei heraus: Prosper Mérimée, Théophile Gautier, Alexander Dumas den Vater.

Mérimée, den sein Aufenthalt in Madrid zu Anfang der dreißiger Jahre in die Tertulia in dem kleinen, aber eleganten Palast der Gräfin Montijo führte, hat dort die zu reizendster Jugendblüthe eben heranwachsenden Töchter des Hauses kennen und verehren gelernt, die spätere Herzogin von Alba und die Gräfin von Teba, der die Erhebung auf den damals glanzvollsten Thron in Europa an der Seite Napoleon's III. beschieden war. Was sie auch besonders uns Deutschen gegenüber verschuldet hat, wir ehren das Unglück der Frau, die nach dem erschütternden Sturz den Tod des Gatten und des einzigen Sohnes erleben musste und im Greisenalter noch heute zu tragen hat. Es ist bekannt, wie Mérimée als Conservator der nationalen Alterthümer und zuletzt als Senator ihr die Treue bis an sein Ende bewahrt hat. Aber weniger bekannt ist, während alle Welt Corsica aus seiner Colomba kennt, daß er nicht bloß der Erfinder der Novelle ist, die Bize's Carmen zu Grunde liegt, sondern daß er in seinen Briefen aus Madrid und in dem Théâtre de Clara Gazul (1825) — der schon von Goethe gepriesenen angeblichen Uebersetzung, die nicht minder original ist wie Le Sage's Gil Blas — Bilder des spanischen Lebens von noch heute unerreichter Feinheit geschaffen hat¹⁾.

Gautier, dessen Reiseerinnerungen zuerst in der Revue des Deux Mondes von 1842 und 1843 erschienen und seitdem, wie Foulché-Delbosc lehrt, in zehn Ausgaben (bis 1875) verbreitet sind, verleugnet zwar nirgends den Romantiker, zeigt aber Ansätze zu wirklichem Eindringen in das spanische Wesen und einige Bemühung, sich zu unterrichten.

Viel weniger gilt das von seinem Zeitgenossen Alexander Dumas. Er reiste im Gefolge des Herzogs von Montpensier auf dessen spanischer Brautfahrt (1846); Dumas der Sohn und fünf andere Künstler und Literaten gehörten außerdem zum Stabe des Prinzen. So hat er das Land vom höhern Standpunkt aus gesehen und in der pomposen Wortfülle beschrieben, die ihm eigen ist. Seine „Reiseindrücke“ erschienen sogleich in den beiden folgenden Jahren in fünf Bänden und sind nachmals noch fünfmal gedruckt, ins Deutsche und zweimal ins Spanische übersetzt worden. In Spanien haben seine grotesken Nebertreibungen viel böses Blut gemacht; von ihm röhrt das halbe Glas Wasser her, das er dem Kellner in Madrid zum Manzanares zu bringen befahl, um dessen beständigem Wassermangel abzuholzen. Aber er ist auch in diesem Buche ein so charakteristisches Specimen des französischen Geistes, daß man ihn gern wieder liest, obgleich die Tiefe und Zuverlässigkeit seiner Beobachtungen sehr gering sind.

Unter den zahlreichen Nachfolgern, die diese drei in Frankreich gefunden haben, ist keiner, dessen Werk einen wirklichen Fortschritt in der Kenntniß des Landes bedeutet. Populäre Berichte, wie die von Davillier mit Doré's Illustrationen (1832—1883), kurze und anmutige Schilderungen einzelner

¹⁾ Carmen und die kleineren Erzählungen, wie die Venus von Ille, sind oft mit Colomba zusammen gedruckt worden; ebenso die Madrider Briefe.

Gegenden, nur wenige etwas eingehender, wie die von Poitou (1869), Léon de Rosny (1882) und Tissandier, sind darunter. Hingebende Versenkung in die Besonderheit eines fremden Volkes liegt dem französischen Genius im Ganzen fern.

Zwischen England und Spanien hat es zwar an politischen Verührungen niemals gefehlt, vor wie nach dem Heereszug von Philipp's Armada. Mit den Gazetten von Sir Francis Drake's Siegen beginnt die Reihe der englischen Berichte über Spanien (1587). Im siebzehnten Jahrhundert folgen weitere politische Berichterstatter: James Wadsworth (1609), James Howell (1620), Francis Willoughby (1664). Auch der spanische Erbfolgekrieg weist einiges der Art auf. Aber erst seit dem „Halbinselkrieg“ ist das Land den Engländern greifbar nahe getreten. Der Ruhm Drake's und Stanhope's ist durch den Nelson's und Wellington's so weit überholt worden, daß sich an ihre Namen noch heute und mit Recht das Hauptinteresse jedes Engländer für Spanien knüpft. Es gibt eine Fluth von militärischer Literatur darüber, von den Depeschen Wellington's an bis zu den Aufzeichnungen und Memoiren vieler an den Feldzügen Beteiligter. Unter diesem Gesichtspunkt hat Richard Ford, der vielseitig gebildete Verfasser des alten „Murray“, seinen Landsleuten die Halbinsel geschildert¹⁾. Trotz mancher Nebertreibung ist sein Urtheil über das Land und seine Bewohner überall gerecht, wenn auch streng. Es gründet sich auf umfassende Kenntniß der Sprache, der Literatur, der Geschichte. Nur in den Neuerlichkeiten ist das Buch veraltet; im Ganzen aber ist es eine bisher unerreichte Leistung, noch heute für Jeden unentbehrlich, der Spanien wirklich kennen lernen will. Die englische Leidenschaft für das Reisen ist bekannt. Nur von den französischen werden die englischen Reisebeschreibungen Spaniens an Zahl übertroffen: auf 313 französische kommen nach Foulché-Delbosc 229 englische, 123 deutsche, 107 spanische. Diplomaten und Militärs, Seemänner, Kaufleute und Künstler, Männer und Frauen — ich zähle etwa zwanzig Verfasserinnen —, auch mit Cook reisende, haben ihre Eindrücke von langen und kurzen Reisen zu Pferd, zu Wagen, zu Fuß und jüngst auch auf dem Zweirad zu Papier gebracht. Auch amerikanische Autoren sind dabei; darunter einige der Gesandten der Vereinigten Staaten in Madrid. Neben die flüchtigen Eindrücke dieser zahlreichen Wanderer hinaus geht, was einige der englischen Consuln aufgezeichnet haben, wie z. B. der in Menorca, Bidwell, oder der Geistliche der englischen Gemeinden in Cadiz und Jerez, Hugh James Rose. Nur wenige dieser Schriften haben es durch die Bedeutung ihrer Verfasser oder ihren Inhalt zu einem gewissen Erfolg gebracht. Augustus J. C. Hare's Wanderungen (zuerst 1873) sind in vier Ausgaben verbreitet (bis 1883). H. W. Coxley's „Spanien“ (zwei Bände, London 1875) enthält den Ertrag dreijähriger Beobachtungen. Nur ein Werk aber aus neuester Zeit hat dauernden geschichtlichen Werth: ich meine die „Iberischen Erinnerungen“ von Gallenga, dem

¹⁾ Murray's Handbuch für Spanien erschien zuerst 1845; vor mir liegt die dritte Ausgabe von 1855, die nachher oft wieder abgedruckt worden ist. Einen Auszug daraus bieten des Verfassers Gatherings from Spain, London 1846 und 1849, die zugleich seine in Zeitschriften erschienenen Essays über spanische Dinge enthalten.

italienischen Emigranten (zwei Bände, London 1883). Durch langen Aufenthalt in England — er hatte in eines der großen deutschen Kaufmannshäuser dort hineingeheirathet — und eine eminente schriftstellerische Begabung dazu wie wenige befähigt, hat er als Correspondent der „Times“ allein fünfzehn Jahre (1865—1879) in Spanien und Portugal zugebracht, nicht ununterbrochen, aber in intimem Verkehr mit Prim und den Liberalen, sodaß er die wichtigen politischen Veränderungen, die sich seit 1868 vollzogen haben, aus nächster Nähe und mit vollem Verständniß beobachten konnte. Der Sturz Isabella's und die kläglich gescheiterte föderative Republik, die unglückliche Episode des savoyischen Königthums und endlich die Restauration der Bourbonen mit den viel versprechenden vier ersten Regierungsjahren Alfons' XII. haben in ihm einen nicht immer vorurtheilsfreien, aber höchst lebendigen Schilderer gefunden. Es gibt meines Wissens kein Buch über diese Ereignisse, das sich dem seinigen an Fülle und Genauigkeit auch nur annähernd vergleichen ließe. Außerdem kenne ich nur noch ein englisches Buch über Spanien, das einen mehr als ephemeren Werth besitzt: George Henry Borrow's „Bibel in Spanien“. Die packende Schilderung seiner fünfjährigen Erlebnisse als Missionar der englischen Bibelgesellschaft unter den bis dahin fast ganz unbekannten Zigeunern in Spanien vermischt zwar in phantastischer Weise Wirklichkeit und Erfindung, ist aber von so großem Reiz, daß nach fünf englischen Ausgaben — die erste erschien 1842 — und Übersetzungen ins Deutsche und Französische (1844 und 1845) noch jüngst eine Bearbeitung davon durch den Verfasser einer Geschichte Spaniens, H. R. Burke, erfolgt ist (zwei Bände, London 1896).

Italien hat vom fünfzehnten Jahrhundert an bis etwa zum siebzehnten in den Berichten venezianischer Gesandten und päpstlicher Legaten unschätzbare Materialien für die Geschichte Spaniens beigesteuert, von denen viele noch ungedruckt sind. Unter den etwa dreißig italienischen Besuchern Spaniens, die Foulché-Delbosc aufzählt — eine ganze Anzahl sind ihm unbekannt geblieben —, hat nur einer dauernde Aufmerksamkeit erregt: Edmondo de Amicis, dessen „Spanien“ (zuerst 1873) bis 1890 zehn Auflagen, zwei spanische Übersetzungen in vier Auflagen, eine französische in fünf Auflagen, eine deutsche und eine englische erlebt hat. Der innere Werth entspricht durchaus nicht diesem Erfolg des amüsanten Plauderer; seine Kenntniß des Landes und sein Verständniß für den Geist der Bewohner geht nicht über die Oberfläche hinaus.

Was in anderen Zungen über Spanien geschrieben worden ist — Foulché-Delbosc verzeichnet elf portugiesische, neun holländische, fünf dänische, fünf russische, drei polnische, vier schwedische und zwei tschechische Reisebeschreibungen —, wird man ohne Schaden bei Seite lassen dürfen.

Nicht ohne Interesse sind die Schilderungen des Russen Vasili Petrovitsch Botkin, der Spanien in den vierziger Jahren bereist und wunderbarer Weise einige Berührungen zwischen den halbgebildeten Völkern im äußersten Nordosten von Europa mit denen des äußersten Südwestens zu bemerken geglaubt hat. Auf sie aufmerksam gemacht zu haben, ist das Verdienst eines scharf urtheilenden, aber politisch verbitterten Balten, Bark, der für seine Reise durch die Halbinsel einige literarische Kenntnisse mitbrachte, aber nur wenig geschicht-

liche und politische; er sieht in der Verwirklichung des republikanischen Gedankens das einzige Heil des Landes und ahnt nicht, wie schnell dieser Gedanke, trotz seiner geistvollen und ehrlichen Vertreter, wie Pi und Salmerón, und trotz Castelar's überschwenglicher Veredtsamkeit, sich als ganz undurchführbar erwiesen hat¹⁾.

2. Wissenschaftliche Werke.

An wissenschaftlichen Beiträgen für die genauere Kenntniß des Landes fehlt es nicht ganz, obgleich hierfür noch sehr viel zu thun bleibt. Botanik und Pflanzengeographie haben, wie schon erwähnt wurde, in Willkomm, die Meteorologie neuerdings in Hellmann umsichtige Bearbeiter gefunden²⁾. Ihnen sind ein paar Mineralogen und Ornithologen gefolgt. Für die wissenschaftliche, besonders die alte Geographie stehen, wenn man von den allgemeinen Lehr- und Handbüchern der Geographie absieht, noch immer die alten Werke von Mannert (1788) und Ulfert (1821) allem voran, was in Spanien selbst und von anderen Nationen dafür geleistet worden ist. Als ein echter Schüler Karl Ritter's hat sich Graf Roon, damals Lehrer an der Kriegsschule, um Spanien verdient gemacht, als er in einem kleinen, aber auf sorgfältigen Studien beruhenden Buche die Grundzüge der Bodengestaltung der Halbinsel in lichtvoller Nebersicht darlegte³⁾. Zu den geographischen Arbeiten gehört die vorzügliche Beschreibung der spanischen Küste von der Nordwestspitze an bis zur Straße von Gibraltar, die ein Officier der nordamerikanischen Marine in amtlichem Auftrag mit Benutzung aller alten und neuen Portulane verfaßt hat⁴⁾: seine Angaben sind vollkommen zuverlässig und erwiesen sich mir überall als ein vorzügliches Hülfsmittel für wissenschaftliche Bestimmungen. Leider fehlen darin die Nord-, die Ost- und der östliche Theil der Südküste. Francisco Coello's große Karte von Spanien in 40 Blättern größten Formats (1: 200 000), noch unvollendet, ist ein vorzügliches, aber Wenigen erreichbares Hülfsmittel.

Die spanische Literatur, vor allem die Dichtung, erfreute sich in den Zeiten unserer deutschen Romantik größerer Theilnahme als jetzt. Seitdem Herder die Romanzen des Cid in seiner weitverbreiteten Bearbeitung, Jacob Grimm eine Anzahl anderer der alten naiven Romanzen im Urtext wieder hervorge sucht hatte, sind nach und nach fast alle classischen Dichter des sechzehnten und siebzehnten Jahrhunderts, Lope de Vega, Calderon und Cervantes,

¹⁾ E. Bark, Wanderungen in Spanien und Portugal 1881—1882. Berlin 1883. — Botkin's. Briefe über Spanien aus dem Jahre 1845 sind in russischer Sprache in St. Petersburg 1857 erschienen.

²⁾ H. M. Willkomm, Die Strand- und Steppengebiete der iberischen Halbinsel. Leipzig 1852. — Grundzüge der Pflanzenverbreitung auf der iberischen Halbinsel. Mit 23 Tafeln und 2 Karten. Leipzig 1896.

³⁾ A. von Roon, Die iberische Halbinsel. Eine Monographie vom Standpunkte des Militärs. Berlin 1837.

⁴⁾ George M. Totten, The North West and West Coast of Spain and the Coast of Portugal from Point Estaca to Cape Trafalgar, compiled by the United States Hydrographic Office. Washington 1874.

in mehr oder minder gelungenen deutschen Übersetzungen erschienen. Ihre Wirkungen sind in der deutschen Lyrik bis zur Mitte unseres Jahrhunderts vielfach zu spüren, nicht bloß in Heine's spanischen Romanzen und seiner nach ihnen benannten letzten Gedichtsammlung. Aber sie sind jetzt fast vergessen; langsam beginnt die moderne Literatur Spaniens in Übersetzungen einige Verbreitung zu gewinnen. Dilettantische Versuche, sie bei uns einzuführen, während zugleich deutsche Dichtungen ins Spanische übersetzt, ja eigene Versuche in spanischer Reimkunst ihnen beigegeben wurden, blieben ohne Erfolg. Die großen Schwächen in den zahlreichen und gutgemeinten Schriften des Kölner Fastenrath sind ihrer Zeit von dem langjährigen Herausgeber der damals noch Augsburger „Allgemeinen Zeitung“, Dr. Otto Braun, scharf, aber mit großer Einsicht aufgezeigt worden (in einer Beilage der Zeitung vom Jahr 1873). Aber ganz abgesehen von dem allgemeinen wissenschaftlichen und dem speziell philologischen Interesse an der Entwicklung dieser hervorragenden unter den romanischen Sprachen ist eine allgemeine Bekanntheit mit der spanischen Literatur für das Verständnis vieler Seiten des spanischen Lebens unerlässliche Voraussetzung. Denn mit seinen Dichtern von heute, wie mit denen früherer Jahrhunderte lebt noch jetzt, genau wie in Italien, auch in Spanien alles, was auf Bildung Anspruch macht, ohne Unterschied der Parteien. Wir sind für die Geschichte der spanischen Literatur noch immer, da die älteren spanischen Werke unbrauchbar sind, auf des Amerikaners George Ticknor großes Werk angewiesen, das auch in spanischer Bearbeitung von Gayangos vorliegt. Nur das spanische Drama hat in den Werken des Grafen Schack (1845) und J. Klein's (1860), der nur mit Übersetzungen bekannt war, wiederholte Behandlung erfahren. Eine lesbare, aber zugleich auf zuverlässiger gelehrter Forschung ruhende Übersicht über die gesamte spanische Literatur, wie sie für die catalanische und die portugiesische in Gröber's Grundriss der romanischen Philologie bereits erschienen ist, fehlt noch¹⁾. Unter den lebenden spanischen Literaturhistorikern steht an erster Stelle Marcelino Menéndez Pelayo, der mit gründlicher Kenntnis, treffendem Urtheil und einer nie versagenden Fülle erstaunlichster Veredtsamkeit bereits große Gebiete der spanischen Literatur aller Zeiten wieder lebendig zu machen verstanden hat, als wären sie eben erst erstanden. Seine Geschichte der spanischen Andersgläubigen und die Bändereihe der ästhetischen Ideen in Spanien, seine Studien über Calderon und sein Theater und über die Entwicklung der spanischen Lyrik, von der er eine große Sammlung herausgibt, sind in jeder Weise hervorragende Leistungen einer unverwüstlichen Arbeitskraft. Über seinen Plan zu einer Geschichte des Humanismus in Spanien und eine Probe davon, sein Buch über „Horaz in Spanien“, habe ich anderswo berichtet²⁾.

Nur ein Gebiet des spanischen Lebens hat hervorragende Beachtung gefunden: die bildende Kunst. Für die spanische Kunsts geschichte haben einige

¹⁾ Seitdem dies geschrieben, ist G. Baist's Übersicht über die spanische Literatur in demselben Grundriss erschienen (1897, Bd. II, Heft 3, S. 383—466); sie reicht aber nur bis wenig über das sechzehnte Jahrhundert herab.

²⁾ In der Zeitschrift „Nord und Süd“, Bd. 46, 1888, S. 25—31.

einheimische Forscher, wie Cean-Bermudez, Caveda, Cruzada-Villaamil und Pedro de Madrazo, wenige auswärtige, wie der Schotte Sir William Maxwell Stirling und der Franzose Burger, Vorarbeiten geliefert. Erst in neuester Zeit hat sie in unserem Karl Justi in Bonn ihren classischen, alle älteren weit hinter sich lassenden Vertreter gefunden, der gleich bedeutend ist als Forscher wie als Darsteller. Sein „Velazquez“ ist ein Werk, das Niemand ungelesen lassen darf, der über Spanien mitreden will¹⁾. Und doch ist es nebst zahlreichen kleineren Arbeiten, wie der über Murillo, nur ein Vorläufer des größeren Werkes über die gesamte spanische Kunst, das wir von ihm erwarten. Lefort's Werk über die spanische Malerei (Paris 1893) gibt nur eine kurze Übersicht. Die Baukunst Spaniens, besonders die der arabischen Zeit, hat in den älteren Werken von dem Schotten Murphy und einiger Monographien über Granada, von dem Engländer Street über die gothische Architektur (1869), neuerdings in umfassender Weise in den schön ausgestatteten Werken von Ihde (Berlin 1892) und M. Schmid (Berlin 1896, mit Nachtrag von Pedro de Madrazo), die der Renaissance in dem des Engländers Prentice eine theilweise mustergültige und erschöpfende Darstellung gefunden; die photographischen Aufnahmen Junghaendel's (Dresden 1889—1893) gehören zu den schönsten der Art, die bisher gemacht worden sind. Auch populäre Bilderwerke, wie die von Cuendias (Leipzig 1847) und Theodor Simons (Berlin, Gebrüder Paetel, 1881), haben manche Seiten der spanischen Kunst und des spanischen Lebens unter uns zur Anschauung gebracht. Mit der vortrefflichen Übersicht über die gesamte Entwicklung der modernen Kunst in Spanien, die Justi dem neuen Baedeker als besondere Zierde vorangestellt hat, ist dem Reisenden für dieses Gebiet eine ebenso zuverlässige wie vollständige Führung geboten, die dankbarer Anerkennung in den weitesten Kreisen sicher ist.

Für die allgemeine Geschichte Spaniens liegen Materialien in ziemlicher Fülle, wenige Vorarbeiten, zusammenfassende Darstellungen von bleibendem Werth nur in sehr geringer Anzahl vor. Um mit dem Anfang anzufangen: in allen Ländern alter Cultur begnügt sich die Forschung längst nicht mehr damit, von den durch Denkmäler oder Schriftwerke bezeugten Zeiten auszugehen. Überall gräbt man nach den Resten der ältesten Vorzeit. Höhlen, Gräber, Pfahlbauten werden untersucht und die Funde aus vorgeschichtlicher Zeit, Schädel und Knochen, Waffen, Werkzeuge und Geräthe, selbst Speiseüberreste, müssen Zeugniß ablegen. Für die iberische Halbinsel stehen diese Untersuchungen noch in den allerersten Anfängen; sie fehlen nicht ganz, aber ihre bisherigen Ergebnisse sind weit davon entfernt, einen klaren Einblick in die ältesten Völkerverhältnisse zu geben²⁾. Für die Geschichte der iberischen

¹⁾ Vergl. Deutsche Rundschau, 1893, Bd. LXXVII, S. 288 ff. und 419 ff.: „Das Jahrhundert des Velazquez“.

²⁾ Was hierfür ebenso wie für die weiteren Epochen der alten Geschichte und Landeskunde bisher gedruckt worden ist, findet sich verzeichnet in meiner „Bibliographie der classischen Alterthumswissenschaft“ (Berlin, Zweite Auflage. W. Herz. 1889. S. 282 ff.). Seitdem ist nur wenig Neues hinzugekommen. Jüngst hat der Lissaboner Bibliothekar und Museumsdirektor José Leite de Vasconcellos den ersten Band eines großen Werkes erscheinen lassen, in dem er

Urbewohner, soweit sie auf Münzen und inschriftlichen Denkmälern, sowie auf Zeugnissen aus dem Alterthum beruht, für die der griechischen und phönischen Kolonien und für die der römischen Herrschaft ist der Verfasser dieser Zeilen seit mehr als einem Menschenalter bemüht, durch kritische Sammlungen und Einzeluntersuchungen, die noch der Zusammenfassung harren, eine feste Grundlage zu schaffen. Nirgends mehr als für diesen Abschnitt der alten Geschichte ist durch unmethodische Quellenbenutzung, ja durch absichtliche Fälschung die richtige Erkenntniß erschwert. Nur nach und nach gelingt es, an die Stelle der ganz confusen und vielfach durchaus falschen Ansichten einheimischer wie fremder Gelehrter sicheres, auf genaue Kenntniß des Landes und auf die Denkmäler und ihre richtige Erklärung gegründetes Wissen zu setzen¹⁾. Nicht viel besser steht es mit der späteren Geschichte des Landes, der westgotischen und arabischen Zeit, dem Mittelalter bis etwa zum fünfzehnten Jahrhundert. Die alten bändereichen Werke der Spanier, von Mariana bis auf Llorente und Lafuente, die Bücher des Schotten Robertson, des deutschen Lemcke und seines Fortsetzers Schäfer sind, was Quellenforschung und Urkundenbenutzung anlangt, gänzlich veraltet. Für die westgotischen Könige hat Dahn, für die arabische Herrschaft haben Gahangos, Dozy und Saavedra an die Stelle der älteren unzulänglichen Arbeiten von Conde und Aschbach einen Anfang zu kritischer Forschung gemacht. An den verwickelten dynastischen Kämpfen des dreizehnten und vierzehnten Jahrhunderts vermag auch die neueste Darstellung von Schirmacher, dem letzten Fortsetzer von Lemcke, kaum Interesse zu erwecken, obgleich in diesen Kämpfen der Grund gelegt worden ist zu der unter Ferdinand und Isabella geeinigten Monarchie. Vor sieben Jahren hat die spanische Akademie der Geschichte, einer von Cánovas gegebenen Anregung folgend, begonnen, eine allgemeine Geschichte Spaniens, von ihren Mitgliedern geschrieben, zu veröffentlichen. Es sind bis jetzt etwa zwanzig Bände erschienen, die verschiedensten Epochen und Seiten der allgemeinen Entwicklung umfassend — z. B. die Marine — und von sehr ungleichem Werth. Der Abschluß des Werkes ist nicht abzusehen.

Mit dem Ende des fünfzehnten und dem sechzehnten Jahrhundert erst tritt Spanien durch die Unterwerfung der letzten maurischen Dynastie und durch die Entdeckung der Neuen Welt in den Mittelpunkt des allgemeinen Interesses. Während Prescott für Ferdinand und Isabella, „die katholischen Könige“, wie sie nach spanischem Sprachgebrauch heißen — und hier erklärt der männliche Geist Isabella's die auch sonst übliche Übertragung des Geschlechts — eine lesbare Erzählung gegeben hat (1837), tritt für das sechzehnte Jahrhundert Ranke's Darstellung (1827) in den Vordergrund, alles Bisherige weit hinter sich lassend. Es ist bekannt, mit welch' congenialer Meisterschaft er, vornehm-

die „Urreligion der Lusitaner“ durch anthropologisch-ethnographische Forschungen zu ermitteln sucht (Lissabon 1898). Vergl. meine Anzeige in der „Deutschen Literaturzeitung“, 1898, S. 930.

¹⁾ Was davon für größere Kreise ohne Weiteres verständlich ist, vereinigt die Sammlung von Aufsätzen, die in dem kleinen Buche „Römische Herrschaft in Westeuropa“ (Berlin, W. Herz. 1890) neben England und Deutschland Spanien gewidmet sind. Die „Deutsche Rundschau“ hat zwei von ihnen zuerst gebracht; auch einige spätere sind in ihr erschienen.

lich aus den Berichten der venezianischen Gesandten, die Gestalten Karl's V., Philipp's II., Johann's von Österreich wieder zum Leben erweckt hat. Bis auf unsere Tage ist die ihm folgende Forschung über jene Zeit des höchsten Glanzes der spanischen Monarchie beschäftigt, die von ihm in raschen Zügen hingeworfenen Bilder bis ins Einzelne lebendig auszugestalten. Umfassende Veröffentlichungen von Urkunden und Briefen machen uns diese Zeiten wieder gegenwärtig; die große, unvollendet gebliebene Arbeit Hermann Baumgarten's über Karl V. exliegt fast der Fülle an Material. Selbst Philipp's Gestalt, die wir gewohnt waren, nur im Lichte der Dichtung Schiller's zu sehen, tritt uns menschlich nahe in seiner raschen Thätigkeit, in der jährlichen Liebe zu seinen Töchtern. Das siebzehnte Jahrhundert Spaniens hat zwar Geschichtserzählungen genug, aber noch keinen Ranke gefunden; für die in allem Unglück königliche Gestalt Philipp's IV. hat Velazquez mit seinen Bildnissen die wahre Geschichte geschrieben. Zu dem Bedeutendsten, was über Spanien gesagt worden ist, gehört das Capitel in des Engländer Henry Thomas Buckle bekannter „Geschichte der Civilisation“ (1860), das Spanien gewidmet ist. Mit ungemeinem Fleiß und großer Sachkunde hat er die Züge zu dem allerdings nicht schmeichelhaften Bild der Nation aus den entlegensten Winkeln der Memoirenliteratur zusammengesucht. Freilich ist seine Beobachtungsweise auch hier wie überall einseitig; aber in der Hauptsache ist sein strenges Urtheil über die Fehler und Schwächen des Volkes in seinen hohen wie niederen Schichten, nur zu richtig, und es wäre sehr nützlich, wenn es von den Führern aller Parteien in Spanien wie in Portugal bekannt und beherzigt würde.

Für das achtzehnte Jahrhundert liegt eine Jugendarbeit Baumgartens vor, die nur leider, wie fast alles auf Spanien Bezugliche, so gut wie unbeachtet geblieben ist¹⁾. Von der großen Reformbewegung, die mit der Regierung des aufgeklärten Bourbonen Karl's III. einsetzt, von den vortrefflichen Staatsmännern, die, von den letzten Habsburgern, Philipp V. und Ferdinand VI., verkannt und verfolgt, nun eine große Wirksamkeit ausüben konnten, von Uztariz, Ulla, Ensenada, Macanaz, Campomanes und Jovellanos, gibt Baumgarten ein anschauliches Bild. Dem mutigen Benediktiner Gerónimo Feijoo, der siebenundvierzig Jahre lang von seiner Zelle in Oviedo aus maßvoll und geduldig, aber mit überzeugender Kraft für Wahrheit und Recht seine Stimme erhoben hatte — die Spanier nennen ihn ihren Lessing —, hat Baumgarten ein schönes Denkmal gesetzt. Wie wenige unter uns haben den Namen des Mannes auch nur einmal gehört, geschweige denn eine Zeile von ihm gelesen! Nur ein paar seiner Abhandlungen sind ins Deutsche übersetzt worden, aber längst vergessen. Die acht Bände seines „kritischen Theaters“ (1726—1739), von denen nach und nach, theilweise noch bei seinen Lebzeiten, fünfzehn Auflagen erschienen, und die fünf seiner „Gelehrten Briefe“ (1742—1760), sind in

¹⁾ Hermann Baumgarten, Geschichte Spaniens zur Zeit der französischen Revolution mit einer Einleitung über die innere Entwicklung Spaniens im achtzehnten Jahrhundert. Berlin 1861.

Deutschland so gut wie ganz unbekannt geblieben. Er starb, fast achtundachtzig Jahre alt, im Jahr 1764. Für die Revolutionszeit selbst war Baumgarten's Hauptquelle die reiche Sammlung der Berichte, die der preußische Gesandte am Hof des unseligen Karl's IV. nach Berlin erstattet hat, der Neufchâtel er von Sandoz-Rollin, einer der hervorragendsten Diplomaten seiner Zeit.

Erst da, wo Baumgarten aufhört, beginnt der neueste Zeitraum der spanischen Geschichte, dessen allgemeine Kenntniß mehr als die aller früheren für das Verständniß der Gegenwart wichtig ist. Hierfür aber fehlt es durchaus an einer auf wirklicher Sachkunde beruhenden Erzählung. Zwar hat Gervinus in seiner „Geschichte des neunzehnten Jahrhunderts“ auch Spanien einige Abschnitte gewidmet; aber sie stehen so völlig unter der nivellirenden Phrasé des politischen Calüls, daß selbst die Thatsachen nirgends plastisch hervortreten. Alfred Stern's „Geschichte Europa's seit den Verträgen von 1815“ nimmt in den bisher erschienenen zwei Bänden (W. Herz, Berlin 1894 und 1897) besonders im zweiten auf Spanien eingehend Rücksicht. Viele von den einzelnen Vorgängen in den endlosen Verfassungskämpfen und Bürgerkriegen, viele von den Staatsmännern und Generälen, deren Namen einst in Aller Munde waren, sind freilich so gut wie vergessen, und die Erinnerung an sie und ihre einst viel gepriesenen Thaten verblaßt mehr und mehr. Aber es bleibt ein gewisser Kern von Thatsachen, ohne dessen Kenntniß die gegenwärtige Stellung der Parteien zu einander unverständlich ist. Man darf, worauf ich schon hinwies (oben S. 367), nicht vergessen, daß Monarchie und Verfassung, Recht und Gesetz in Spanien eigentlich auf einer Umkehrung aller Rechtsbegriffe beruhen, die der Familienzwist der Bourbonen unter einander erzeugt hat. Aber Don Carlos und seine Nachfolger bis auf den künftigen „König“ Don Jaime, genau wie ihre französischen Vettern, die auch dort legitimen Bourbonen, haben das Mögliche geleistet, um sich unmöglich zu machen. Der Enkel Christinen's und Sohn Isabella's, Alphons XII., und sein Sohn, der junge Alphons XIII., dieser unter dem Schutze seiner ungewöhnlich weisen Mutter, der Königin-Regentin Maria Christina, sind die Träger des nationalen Aufschwungs. Und wenn auch die Carlisten immer wieder ihr Haupt zu erheben versuchen, alle Parteien, Republikaner von verschiedener Färbung, „Possibilisten“, das heißt solche, die trotz ihrer republikanischen Überzeugungen die Monarchie für möglich halten, wie Castelar, „Impossibilisten“ oder Intransigente, wie Pi und Salmerón, Progressisten oder Liberale, wie Sagasta, Moderados oder gemäßigte Conservative, wie Canovas und Silvela: sie alle mit einziger Ausnahme des schwärzesten rechten Flügels der Neukatholischen oder „Neos“, wie sie dort heißen, werden sich jedem Versuche, die allerdings erst seit 1889 völlig überwundene Aera der militärischen Putsch oder „Pronunciamientos“ wieder herauf zu beschwören, einmuthig widersezen, getragen von dem gründlichen Überdruß der erwerbenden Klassen auch in den großen Städten an dergleichen sinnlosen, nur durch den Ehrgeiz einiger Führer möglichen und überaus kostspieligen Experimenten. Und nur in den großen Städten, vorab in Madrid, wird ja die Politik gemacht. Das „Volk“ auf dem Land, das heißt in den kleinen

Städten, ist noch ebenso urheilslos und apathisch wie von jeher und folgt bei den Wahlen geduldig der Regierungsmaschinerie. Eine halbe Meile vor den Thoren Madrids hört, wie man oft gesagt hat, jedes politische Verständniß auf; der Weizen, der Wein, das Öl, der Reis, der Zucker, die Orangen u. s. w., das sind die einzigen Interessen. Und es ist recht, daß es so ist, und das ist die Hoffnung des Landes. In der Wirtschaftspolitik liegt die Zukunft, in Spanien selbst wie in Cuba und auf den Philippinen und den canarischen Inseln, in Nordafrika wie in Fernando Po.

Hieraus erklärt sich auch die Stellung Spaniens gegenüber dem Ausland. Die Engländer, gerade weil sie die Befreier des Landes vom französischen Joch waren und sich berühmen, daß ohne sie die Spanier allein mit dem überlegenen Feinde nicht fertig geworden wären, werden von den höheren Klassen in der Seele gehaßt; wie es Wohlthätern zu gehen pflegt. Oft hört man die Patrioten sich hoch und thener verschwören, daß Spanien nicht ruhen werde, bis die Engländer Gibraltar zurückgegeben hätten, wie sie Mahon und Fernando Po zurückgegeben. Doch das sind Worte, Worte. Das Volk hat einen tiefen Respect vor den guten Schiffen und vor dem guten Geld der Nordlandsföhne, deren Capitalien in Bergwerken, wie in Rio Tinto und in Asturien, und anderen Industrien auch für Spanien nutzbringend angelegt sind, und die die Weine von Jerez, wie die Cigarren der Habana besser bezahlen als irgend eine andere Nation.

Dagegen haßt das Volk die Franzosen, die „Gavachos“, zumal die aus Frankreich nach Spanien verschlagenen nicht zu den edelsten Vertretern ihrer Nation zu gehören pflegen. Die Napoleonische Eroberung, in der lächerlichen Figur des Königs „Pepe Botella“ verkörpert, wird sobald nicht ganz in Vergessenheit gerathen. Goya's Radirungen, der Obelisk und die Statuen der Befreier Daoiz und Belarde im Prado zu Madrid sorgen dafür. Aber die vielseitigsten Interessen der Gebildeten gravitiren doch in Spanien, weit mehr noch als in Italien, nach Frankreich hin. Paris ist und bleibt Ziel und Maßstab ihres höheren Strebens, vielleicht in manchen Dingen zum Schaden des Landes, aber doch mit einer tiefen und natürlichen Berechtigung, die selbst die höchsten gegenseitigen Schätzölle nie beseitigen werden. Denn Spaniens Überschuß an gewöhnlichen Weinen bleibt auf Frankreich angewiesen, und ohne Zola und die Pariser Moden kann man in Madrid nicht leben.

Italien dagegen und die Italiener genießen geringe Sympathie. Das Volk kennt sie nur als Gastwirthe, Sänger und Künstler. Die Gebildeten gewöhnen sich schwer daran, den maßgebenden Einfluß zu verschmerzen, den sie vordem in Italien besaßen. Wie groß die Verbreitung spanischer Sitten einst war in Neapel und Sicilien, ist mir erst deutlich geworden, als ich Spanien nach Italien kennen lernte. Von dem den Namen vorangestellten „Don“ und der großen Straße in Neapel, die bis 1870 Toledo hieß, nach dem Herzog von Alba und Toledo, bis herab zu den Wasserverkäufern und vielen schlechten Angewohnheiten und niedrigen Ausdrucksweisen des neapolitanischen Volkes tritt sie zu Tage. Der unglückliche Versuch, Pius IX. im Verein mit den neapolitanischen Bourbonen gegen das neue Italien durch

eine militärische Intervention zu schüren, ging von der Elite der Bildung und von der „historischen“ Partei in Spanien aus. Diese, die hochgebildeten, kennen zwar die Sprache des Dante und lesen ihn. Aber das Vorbild der italienischen Dichtung, dem ihre größten Dichter bis auf Cervantes gefolgt sind, wie von italienischen Gelehrten immer bestimmter erwiesen wird, gestehen sie nur halb widerwillig zu. Die wirtschaftlichen Beziehungen zwischen Spanien und Italien sind gering oder die der Concurrenz im Auslande, besonders in Südamerika.

Zu Deutschland hat Spanien eigentlich noch gar kein Verhältniß. In der Zeit vor 1870, als noch die bunte Musterkarte aller Flaggen von den Häusern der Consuln wehte, von der preußischen, sächsischen, hamburgischen bis herab zur mecklenburgischen, war Deutschland den meisten Spaniern identisch mit Österreich; die Habsburger sind über den Bourbonen nie ganz vergessen worden. Preußen war nicht einmal ein geographischer Begriff; Prusia und Rusia wurden oft verwechselt, und zuweilen bin ich gefragt worden, was für eine Sprache man bei uns in Preußen spräche. Der Krieg von 1870 hat in diese Nacht wie ein greller Blitz geleuchtet. Jetzt kennt auch fast jeder Spanier den Namen Bismarck; jetzt gibt es deutsche Clubs. Singvereine, Turnvereine in Madrid und Barcelona. Auch mit deutschen Schulen ist ein Anfang gemacht worden. Und das that Noth. Denn wem von den zahlreichen in Spanien ansässigen Deutschen die Verhältnisse es nicht erlaubten, seine Kinder in Deutschland erziehen zu lassen, der sah sie, zumal wenn die Mutter eine Spanierin war, in kürzester Zeit sich völlig hispanisieren. In der Assimulationskraft des Volkes liegt ja ein Zeichen seiner Stärke. Aber vielfach war es nur Unbildung und sträfliche Gleichgültigkeit unserer Landsleute, wenn sie dem fremden Volksthum gegenüber so geringe Widerstandskraft zeigten. Diese Erfahrung in Betreff der Deutschen im Auslande ist ja aber leider eine allgemeine. Waren diese Zustände bis zum Jahre 1870 erklärliech und entschuldbar, so verdienen sie jetzt, wo man sie noch findet, scharfe Mißbilligung. Noch ist freilich der protestantische Ausländer dem spanischen Gesetze gegenüber exlex. Kaum daß es seit 1868 gelungen ist, dem protestantischen Gottesdienst in Madrid und Barcelona Eingang zu verschaffen. Denn noch ist die Überzeugung von der nothwendigen Einheit des katholischen Bekenntnisses bei allen Parteien die herrschende. Die Versuche der englischen Bibelgesellschaft, durch massenhafte Gratisvertheilung spanischer Bibeln, der deutschen evangelischen Mission, durch Kirchenlehre und Jugendunterricht Propaganda zu machen, haben nur geringfügige Ergebnisse gehabt. Die verheißungsvollen Anfänge der kirchlichen Reformation, die Spanien im sechzehnten Jahrhundert gesehen hat, sind trotz ihrer geistvollen und bedeutenden Vertreter so gründlich durch die Inquisition beseitigt worden, daß den neuen Anläufen in dieser Richtung noch auf Menschenalter hinaus wenig freundliche Aussichten blühen. Es gibt eine Macht in Spanien, die sich dem protestantischen Gedanken gegenüber bisher als unüberwindlich erwiesen hat: die Frauen. So lange über sie der Beichtstuhl herrscht, ist an die Möglichkeit einer größeren Ausdehnung des evangelischen Glaubens nicht zu denken. Doch dies ist ein überaus schwieriges

*A. H. P.
HUESCA*

Gebiet, auf das näher einzugehen hier nicht der Ort ist. Aber der wirtschaftliche Einfluß Deutschlands ist in erfreulichem Wachsthum begriffen. Auf diesem Wege, und auf ihm allein, wird nach und nach trotz der Schutzölle die Achtung vor Deutschland in Spanien zunehmen. In den Bergwerken, im Weinhandel, vor Allem in der Einfuhr aller Art von Industriezeugnissen, Textilwaren, Eisen-, Silber- und Glaswaren, Spielsachen, nimmt Deutschland einen sehr hervorragenden Platz ein. Oft bin ich in kleinen Orten in die gute Stube geführt worden, um über dem Sopha in Glas und Rahmen aufgehängt eine „Stickerei aus Berlin“, z. B. einen lebensgroßen weißen Budel oder dergleichen, als aus meinem Lande kommend, zu bewundern.

Von alle dem, was hier besprochen worden ist, sich für eine Reise nach Spanien vorher auch nur einen Überblick zu verschaffen, wird, so erwünscht es wäre, selbst deutscher Gründlichkeit kaum gelingen. Die deutsche Reiseliteratur über Spanien läßt, mit sehr wenigen älteren Ausnahmen, von einem solchen Überblick wenig oder nichts erkennen. Aber es gibt noch mancherlei, was aus Büchern nicht gelernt werden kann, wenigstens nicht ohne sehr umfängliche Lectüre, aber für eine genügsame Bereisung des Landes fast wichtiger ist als die doch auch nicht wohl zu entbehrenden gelehrten Kenntnisse.

3. Landessitten.

Zum Verständniß eines Volkes gehört in erster Linie, daß man die Formen des Verkehrs im fremden Lande einigermaßen kennt. Ford hat im Murray'schen Handbuch darüber allerlei mit scharfer Satire gepfefferte Witze gegeben. Baedeker läßt sie nicht ganz außer Acht; aber einiges nicht Unwesentliche fehlt.

Zunächst ist es ein Irrthum, wenn man glaubt, wie ich es oft gefunden habe, ohne Kenntniß der Literatur und Geschichte des Landes auskommen zu können, und sich darauf verläßt, durch mündliche Information an Ort und Stelle richtige Anschanungen und Urtheile zu gewinnen oder auch nur eine einzelne Auskunft zu erhalten. Denn in noch weit geringerem Maße als in allen anderen Ländern reichen hier, nach allgemeiner Erfahrung, die im Eisenbahnwagen, auf dem Schiff oder an der Wirthstafel angeknüpften Gespräche dazu aus, Genaueres über die Dinge, nach denen man fragt, zu erfahren. Die oft liebenswürdigen und gescheiten Menschen, die man auf solche Weise kennen lernt, sind in den Urtheilen über ihre Heimat meist sehr zurückhaltend, aus Furcht, sich und ihrem Lande Blößen zu geben. Oft ist ihnen auch, was über den nächsten Kreis ihrer Interessen hinausgeht, selbst nur ungenau bekannt. Nicht selten kommt es vor, daß die sehr gewitzten Eingeborenen dem Fremden mit unbefangenster Miene allerlei unglaubliche Dinge aufbinden. Andalusien steht ganz besonders im Ruf, solche zuweilen nicht angenehmen Scherze; in eingeweihten Kreisen werden ergötzliche Beispiele davon citirt. Auch das ist ja übrigens anderwärts nichts Unerhörtes, Lanzelot Gobbo's gibt es überall.

Nur wer die Besten des Landes persönlich kennen gelernt hat, darf seine Meinung nach ihren Mittheilungen bilden. Ich rechne dazu nicht ausschließ-

lich Minister und Diplomaten oder die Aristokratie der Geburt und des Reichtums, die meist einen internationalen Charakter zeigt. Auch unter diesen „Oberen“ gibt es in Spanien sehr gebildete, weit gereiste und vorurtheilslose Beurtheiler ihres Landes. Sie sind in ihrer Weise den entsprechenden Elementen anderer Länder durchaus ebenbürtig, an Feinheit der Umgangsformen sogar oft überlegen. Auch in den mittleren Schichten des Volkes finden sich nicht bloß Talente aller Art — Dichtung und Künste legen Zeugniß dafür ab —, sondern gescheite Köpfe und menschlich fühlende Herzen genug; der Fremde lernt sie nur zu selten kennen. Häufig sind noch heute unter den echten Castilianern Beispiele jener unerschütterlichen, schweigsamen Ruhe, durch die spanische Staatsmänner und Krieger des sechzehnten und siebzehnten Jahrhunderts dem gesamten Europa imponirten. Häufiger noch begegnet man jener unnachahmlichen Feinheit und Fülle des Ausdrucks, der reich und voll strömenden und doch nicht überladenen Veredthamkeit, woran der unsterbliche Don Quijote so reich ist. Die etwas umständliche und alterthümliche Art des Redens ist vielen der Gebildeten so sehr in Fleisch und Blut übergegangen, daß sie zur Erfindung verlorener Schriften des Cervantes und zu absichtlicher Täuschung mißbraucht worden ist, wie von Adolfo de Castro in Cadiz, oder zu virtuoser Nachahmung zum Zweck unschuldigster Ergötzung, wie von dem verstorbenen Estébanez Calderón und von Mariano Pardo de Figueroa in Medina-Sidonia, der unter dem allbekannten Pseudonym des „Doktor Thebussem“ als berufsmäßiger Ehrenbriefschreiber die Verehrer des Cervantes — und wer ist es in Spanien nicht? — mit seinen humorvollen Briefen an die Autoren erfreut, die in den Vorreden ihrer Bücher abgedruckt zu werden pflegen. Der Genuß des Redens und Redenhörens ist, so schien es mir, den Spaniern fast noch unentbehrlicher wie den Italienern. Besonders dem Fremden gegenüber, sobald er sich solches Vertrauens würdig gezeigt hat, thut man sich darin selten genug.

Ein anderer Genuß fast jedes Spaniers ist königliche Freigebigkeit — eine in Italien weniger verbreitete Neigung —; stünden ihm nur immer die Mittel dafür zu Gebot. Aus dem zwiesachen Genuß am Reden und am Geben geht die viel besprochene und viel bespottete Sitte hervor, dem Fremden Haus und Hof, alles, was ihm darin gefällt und was er lobt, zur Verfügung zu stellen. Freilich ist das nicht au pied de la lettre zu verstehen; wie man behauptet, daß es z. B. von vornehmen Damen der Diplomatie verstanden worden sei, wenn ihnen die Königin Isabella oder diese oder jene Herzogin einen Schmuck, ein Kunstwerk oder dergleichen anbot. Der Anbietende will damit sagen: „Für ein liebenswürdiges Compliment ist mir kein Dank groß genug,“ und er erwartet mit Zug, daß der Angeredete mit derselben Höflichkeit antworte: „Ihr Haus, oder was Sie mir sonst anbieten, kann nicht in besseren Händen sein als in den Ihren“. Geht man am Haus des Freundes mit ihm vorbei, so wird er nie verfehlen zu sagen: „Hier haben Sie Ihr Haus, wollen Sie nicht eintreten und ein wenig ausruhen?“. Man datirt seine Briefe mit allgemein gebrauchten Abkürzungen „von diesem Ihren Hause“. Und diese Höflichkeitsformen beschränken sich nicht auf die sogenannten höheren Classen, wie ja überhaupt der Unterschied zwischen Hoch und Niedrig, zwischen Herrn und

Diener geringer ist als bei uns. Wenn sich zwei Maulthiertreiber mit ihrem langen Zug von Lastthieren auf der Landstraße begegnen, so brauchen sie, wie man zu sagen pflegt, eine Viertelstunde, um die üblichen Complimente auszutauschen, nach dem Befinden der Familie zu fragen u. s. w., während sie vielleicht zugleich hizige Concurrenten sind und sich wohl hüten, für das Geschäft auch nur durch eine Miene sich bloßzustellen. Sehr hübsch ist die allgemeine Sitte, dem Nachbarn bei jeder Mahlzeit, die in Gesellschaft eingenommen wird, am Wirthstisch, auf der Eisenbahnhafte, die Theilnahme mit einem freundlichen „ist's gefällig mit mir zu essen?“ anzubieten. Kein Arbeiter unterläßt es, wenn er sein Frühstück vor Anderen hervorholt. Dies ist durchaus nicht immer nur pro forma gemeint; ich habe bei nächtlichen Fahrten auf weiten Strecken, für die sich die Einheimischen vorsorglich mit Mundvor Rath versehen, oft genug, wo ich Gleisches unterlassen, herhaft zugegriffen, zur unverstellten Freude und Genugthuung der Geber. Tritt man Abends in das Café, in dem Bekannte sitzen, so haben sie, ohne daß man es merkt, dem wohlbekannten Kellner zugezwinkert und die Bedje, die ja freilich gering zu sein pflegt, für den Fremden bezahlt, als ein kleines Zeichen von Höflichkeit und Gastfreundschaft. Und wenn das auch nur Formen sind: ist denn unser „Adieu“ und „Behüt dich Gott“ u. s. w. im Grunde ernster gemeint, als wenn man sich in den spanischen Briefformen am Schluß unweigerlich die Hände küßt oder den Damen zu Füßen legt? In den Briefformen herrscht dazu eine gewisse mißtrauische Umständlichkeit, halb mittelalterlich, halb orientalisch. Man darf nie unterlassen, am Kopf die Adresse zu schreiben — denn der Umschlag ist nicht rechtsverbindlich —, und die Anrede ist so genau vorgeschrieben wie der Schluß. Wer diese kleinen nationalen Eigenthümlichkeiten kennt und sie passend zu erwidern versteht, der hat aller Herzen leicht gewonnen; man sagt von ihm, „er ist so höflich — tan formal — wie wir“. Manches davon könnte arabischem Vorbild entlehnt sein, wie die stehenden Parenthesen nach dem Namen des Souveräns: „möge Gott ihn erhalten“, oder nach dem eines Verstorbenen: „er ruhe in Frieden“, oder in den Unterschriften amtlicher Schreiben: „Gott erhalte Euch viele Jahre“. Sie erinnern an das arabische „möge sein Schatten niemals kürzer werden“ und ähnliches, was wir alle aus Abu-Seid's Makamen kennen. Bei Unterschriften wurde unlängst noch außer dem Namen die „Firma“ verlangt, das heißt der besondere Schnörkel, den sich jeder junge Spanier aussucht, wenn er zu Jahren kommt, mit irgend einem geheimen Zug, den Niemand so leicht nachmachen kann. Ich habe Schnörkel der Art gesehen, besonders von geistlichen Herren, zu deren Ausführung mindestens fünf bis zehn Minuten nötig sein müssen. Die täglich hundert Mal gebrauchte Anrede „Euer Gnaden“ — vuestra merced, gekürzt in usted —, und all die Wendungen der Sprache, die unserem „geruhnen“ entsprechen — spanisch „sich bedienen“, servirse —, sind durch Jahrhunderte lange Uebung gefestigte Ergebnisse nationaler Cultur; in den Formen und Formeln des Verkehrs steckt überall die Frucht nationaler Erziehung. Es ist höchst wohlseil, sie zu verspotten und sich besser zu dünken: wer in Spanien reist, wird ihre sänftigende Kraft bei gelegentlicher Reizung des Affects, in

den kleinen Conflicten wegen der Höhe von Zahlungen u. s. w. oft zu erfahren Gelegenheit haben. Also, ein Land mit so fest ausgeprägten und eigenthümlichen Sitten will gekannt und verstanden sein.

Wer ruhig und ohne Hast zu reisen liebt, der rechne in Spanien auf den großen Stationen, zumal zur sommerlichen Reisezeit, etwa eine Stunde vor der Abfahrt für die Besorgung der Fahrkarten und des Gepäcks. Denn die Bahnhöfe und ihre Einrichtungen sind noch viel unzureichender als die italienischen. Dabei vollzieht sich alles mit der größten Gemüthlichkeit und nicht ohne einen gewissen Humor, unter Gesprächen und Scherzen zwischen Publicum und Beamten. Der strenge Amtsterrorismus, aber auch die wohlthuende Ordnung unserer Verkehrsanstalten ist unbekannt. Nur darf man nicht auf Reglementsbestimmungen wie auf Menschenrechte pochen. Dafür fehlt jedes Verständniß. Doch muß man oft genug selbst anfassen und seinen Koffer schleppen, wenn man überhaupt fortkommen will. Das Reisen ist, obgleich für den, der die alten Zeiten der Diligencen und Reitthiere gekannt hat, unendlich erleichtert und verbessert, doch auch auf den Bahnen langsam und unbequem genug. Die Gasthäuser lassen mit wenigen Ausnahmen Vieles, oft Alles zu wünschen übrig. Es ist bekanntlich etwas ganz Anderes, wenn Herren allein und wenn sie mit Damen reisen. Damen allein, wie sie ja jetzt in Italien scharenweise zu treffen sind, werden, außer in seltenen Ausnahmefällen, in Spanien es kaum wagen dürfen, allein zu reisen. Mir sind einige völlig mißglückte Versuche der Art bekannt, und doch handelte es sich dabei um Damen, die Italien wiederholt allein bereist hatten. Nicht als ob die sprichwörtliche spanische Galanterie nicht auch einzelnen Damen gegenüber zum vollen Ausdruck käme, vorausgesetzt immer, daß sie die Sprache verstehen. Aber allein stehende und selbständige aufstrebende Frauen sind der darin sehr natürlich empfindenden Mehrzahl etwas Fremdes und Unverständliches, das man geneigt ist, nicht für ernst zu nehmen. So gut, wie alle Mädchen heirathen — dafür sorgen ihre Mütter —, so gut wird für die Witwe, die Schwester, die Tochter überall ein männlicher Beistand als vorhanden vorausgesetzt. Erst in allerjüngster Zeit hört man von der „Frauenfrage“ auch in Spanien hier und da reden. Aber selbst für Damen in Begleitung ihrer Gatten, Väter oder Brüder sind nur die ganz großen Städte und die ersten Hôtels darin möglich, wie das Hôtel de la Paix in Madrid; und selbst diese entsprechen kaum unseren gesteigerten Anforderungen an intimen Comfort. Von englischen und amerikanischen Familien werden Madrid, Granada, Sevilla seit langer Zeit besucht; in den letzten Jahrzehnten sind ihnen deutsche Gelehrte und Künstler mit ihren Frauen gefolgt. Es versteht sich dabei, daß man weder in der Zeit noch durch die Mittel gezwungen ist, sich Beschränkungen aufzuerlegen. Im Fluge ist in Spanien, dem Lande des „mañana (Morgen!)“, nichts zu erreichen, und das Reisen ist an sich theuer, viel theuerer als in Italien, weil bisher die Concurrenz so gut wie ganz fehlt, und die spanischen oder eigentlich italienischen Wirths noch immer, wie in alten Zeiten, gewissermaßen als Gewährung von Gastfreundschaft anzusehen, wenn sie gestatten, daß man in ihren Hôtels oder Fendas und Posadas für theueres Geld wohnt. Auch sind alle

Spanier, zumal auf Reisen, von Neugierde und ängstlicher Vorausberechnung weit entfernt; sie lieben es, überall die großen Herren zu spielen und wenigstens so zu thun, als brauchten sie nicht auf das Geld zu sehen.

Wer die iberische Halbinsel auch nur so weit kennen lernen will, wie heut zu Tage Italien der großen Mehrzahl der Gebildeten bekannt ist, wird gut thun, nicht Alles auf einmal sehen zu wollen. Wenn schon in Italien die Gefahr vorliegt, daß ungleichartige Eindrücke, die zu schnell auf einander folgen, der eine den anderen erdrücken, trotz der unvergleichlichen Steigerung, die Genua und die Riviera, nachher Florenz, Rom, Neapel, Sicilien und zuletzt wieder Venetien und Mailand bieten, so gilt das in weit höherem Maße von Spanien. Noch gelangt man freilich nicht ganz so schnell und leicht dort hin und zurück wie nach und von Italien. Aber nur wer es aus irgend welchem Grunde muß, wird sich der körperlichen und geistigen Strapaze aussetzen, die weit entlegenen Theile des großen Landes alle hinter einander aufzusuchen. Die große Masse der auswärtigen Reisenden begnügt sich mit vollem Recht, Barcelona und Madrid, Granada und Sevilla, und was auf dem Wege liegt, zu sehen. Cadiz, Gibraltar und Malaga stehen schon in zweiter Linie; der ganze Norden und Nordosten in dritter und vierter.

Mit Rücksicht darauf sind meine Aufzeichnungen gemacht. Sie berücksichtigen überall, was dem besonderen Studiengebiet ihres Verfassers am nächsten liegt, die älteste Geschichte des Landes und Volkes, aber durchaus nicht allein; während für die Kunst an Justi ein vorzüglicher Lehrer und Führer der Reisenden gewonnen ist, fehlt es für die landschaftliche Besonderheit, wie für die meisten anderen Erscheinungen des Volkslebens noch sehr an zuverlässiger Handweisung¹⁾.

¹⁾ Die obigen Ausführungen waren ursprünglich dazu bestimmt, den „Reisebildern aus Spanien“ voranzugehen (Deutsche Rundschau, 1898, Bd. XCV, S. 407 ff.). Neuherrere Gründe haben die Änderung veranlaßt. Die am Schluß gegebenen Winke für das Reisen im Lande werden auch an dieser Stelle der Schilderung von Madrid zu Gute kommen. Das ersehnte Ende des beklagenswerthen Krieges mit den Vereinigten Staaten tritt ja jetzt in absehbare Nähe. Genaue, auf literarischen Studien wie auf Anschaung beruhende Kenntniß des Landes und Volkes sind mehr als je nothwendig, um beurtheilen zu können, wie weit es ihnen gelingen wird, in langamer Arbeit die tiefen Wunden zu heilen, die dieser Krieg geschlagen hat.

Pfeifer'sche Hofbuchdruckerei Stephan Geibel & Co. in Altenburg.